

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

O DISCURSO QUE ECOA NAS REDES
A vocalização de sujeitos a partir do caso “Voz da Comunidade”

**Juiz de Fora
Março de 2012**

FLÁVIA VALÉRIO LOPES

O DISCURSO QUE ECOA NAS REDES

A vocalização de sujeitos a partir do caso “Voz da Comunidade”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, linha de pesquisa Redes, Estética e Tecnocultura da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção de título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana

**Juiz de Fora
2012**

Lopes, Flávia Valério.

O DISCURSO QUE ECOA NAS REDES: A vocalização de sujeitos a partir do caso “Voz da Comunidade” / Flávia Valério Lopes.

– 2012.

114 f. : II

Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

1. Comunicação. 2. Redes sociais. 3. Twitter. 4. Análise de discurso. 4. Vocalização de sujeitos

Agradecimentos

A conclusão de um mestrado é resultado de uma trajetória que não seria possível sem a ajuda de algumas pessoas. Por isso, gostaria muito de agradecer:

Ao Ricardo, pelo amor, companheirismo, apoio e paciência nos momentos de maior tensão.

Aos meus pais (Mônica e Carlos), irmãos (Thiago e Fernanda), além dos queridos Aimée e João Pedro que souberam compreender ausências e acompanharam de perto a conclusão de mais uma etapa.

Ao meu orientador Wedencley Alves, que sempre paciente e generoso, me apresentou a Análise do Discurso em doses homeopáticas e, aos poucos, foi me convencendo a entrar em um universo totalmente novo. Seu apoio foi fundamental.

À Ana, secretária do PPGCOM, companheira de jornada, exemplo de profissional dedicada e sempre disposta a ajudar.

Às amigas e companheiras de jornalismo Fernanda e Marise que foram grandes parceiras de viagens e de discussões metodológicas, filosóficas, enfim... Também à Patrícia, que chegou mais tarde, mas também dividiu bons momentos de conversa.

À Mônica, que estimulou minha participação no processo de seleção do mestrado, com a certeza de que concluiria, mas não sem as tensões e correrias já previstas desde o início.

À Carol, prima sempre presente que acompanhou cada passo do mestrado, mesmo de longe.

À UFJF que apoiou a participação em congressos e eventos em geral.

À Tribuna de Minas que possibilitou ausências para participação em congressos e estimulou essa qualificação, sobretudo ao Paulo César.

À Adriana Bruno, do PPGE, que estimulou ainda mais o estudo das redes, a partir de novos olhares.

Aos professores Junito e Marta, pelas contribuições na banca de qualificação.

(...)
Escrever nem uma coisa
Nem outra -
A fim de dizer todas
Ou, pelo menos, nenhuma.
Assim,
Ao poeta faz bem
Desexplicar -
Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.

No que o homem se torne coisal,
corrompem-se nele os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade quase insana,
que empoeira o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos, um inauguração de falas
Coisa tão velha como andar a pé
Esses vareios do dizer.
(...)

- Manoel de Barros – O guardador de águas, 1990

Resumo:

As redes sociais introduziram no atual cenário novas vozes, que passaram a participar do debate público a partir dos movimentos iniciados nos territórios do ambiente sociotécnico. Por meio dessas ferramentas, sujeitos evidenciam sua função de autoria, sem intermediários, e acabam sendo “convocados” a participar das discussões. Possibilitadas pelo avanço das tecnologias da sociedade em rede, as mídias sociais transformaram-se em um novo espaço público de discussão. Neste trabalho iremos investigar a reconfiguração da relação de interlocução entre imprensa e sociedade, com a chegada desses novos atores. Para isso, analisamos, discursivamente, a repercussão do trabalho de um grupo de jovens durante a ocupação/invasão da polícia no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, pelo perfil @vozdacomunidade no Twitter.

Palavras-chave: comunicação, redes sociais, Twitter, análise do discurso, vocalização de sujeitos

Abstract:

Social networks have introduced in the current scenario new voices that have become involved in the public debate from the movements initiated in the domains of the sociotechnical settings. Through these tools, subjects identify their role of authorship, without intermediaries, and they end up being “summoned” to participate in discussions. Enabled by advancing technologies from the network society, social media have transformed themselves into a new public space for discussion. In this context, it is convenient to investigate the reconfiguration of the interlocution relation between press and society with the arrival of these new interlocutors. For that matter, it will be considered the repercussion of the work of a young people’s group during the police occupation-invasion of Complexo do Alemão in Rio de Janeiro through the profile @vozdacomunidade in Twitter.

Keywords: communication, social networks; Twitter, discourse analysis; subjects with voice in public space

Lista de ilustrações

| | |
|--|----|
| Figura 1. <i>Post</i> de Dilma questionando Folha | 19 |
| Figura 2. Errata publicada na Folha sobre fala de Dilma | 20 |
| Figura 3. Foto de policiais revistando moradores no Morro do Alemão | 73 |
| Figura 4. Foto que mostra falta de luz em pontos do Complexo do Alemão | 74 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2 - MÍDIAS SOCIAIS: ATORES E CONEXÕES | 14 |
| 2.1 - Novas formas de produção e consumo na rede | 20 |
| 2.2 - A influência do software | 25 |
| 2.3 – Poder de vigilância | 32 |
| 2.4 – Twitter: ágora digital? | 37 |
| 3 – MUDIATIZAÇÃO: JORNALISTAS E OUTRAS VOZES | 37 |
| 3.1 - Jornalistas, fontes e atores sociais | 38 |
| 3.2 - A necessidade de legitimação das mídias | 40 |
| 3.3 - O Twitter Voz da Comunidade..... | 42 |
| 4 – QUESTÕES DE PESQUISA, CONCEITOS E METODOLOGIA | 46 |
| 5 – NOVOS TERRITÓRIOS DE DISPUTA..... | 50 |
| 5.1 - Paratexto e prolongamento..... | 51 |
| 5.2 - Twitter como arquivo e vocalização | 54 |
| 5.3 - Formações imaginárias: as relações com a imprensa | 77 |
| 5.4 - Reproduções e metaforizações de sentido: paráfrase e polissemia | 90 |
| 5.5 - Imprensa e mídia alternativa: proximidade e distanciamento | 96 |
| 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 105 |

| | |
|--|------------|
| 7 - BIBLIOGRAFIA..... | 109 |
| 8 – ANEXOS | 114 |
| 8.1 – Anexo I (Voz da Comunidade)..... | 114 |
| 8.2 – Anexo II (Extra)..... | 166 |
| 8.3 – Anexo III (Entrevistas)..... | 209 |

1. INTRODUÇÃO

A partir do crescimento do número de usuários das redes sociais e a ampliação do sentimento de fiscalização do trabalho realizado pelos veículos de comunicação, faz-se necessário trazer um novo olhar para o estudo das mídias no sentido de avaliar de que forma a cobertura de acontecimentos em geral vem sofrendo mudanças nesse novo cenário. Uma das percepções é de que as empresas “tradicionais” de comunicação se desestabilizam e desenvolvem ferramentas para se reinventar diante da complexificação da configuração midiática contemporânea. Com isso, o conteúdo e o fazer jornalístico também se transformam, já que esses dispositivos possibilitam uma midiaticização¹ da sociedade, com novos mecanismos de produção de sentido. Essa mudança ocorre diante da inserção de novos atores, que passam a ter voz e também começam a ser ouvidos pela sociedade contemporânea.

Este trabalho, portanto, vem ao encontro do debate sobre as redes sociais e os novos mecanismos de produção de sentido possibilitados pela *web*. A partir dessa ótica, a internet se configura como ambiente no qual indivíduos “comuns” fazem o trabalho de circulação de informações – seja por meio de trocas entre si, seja pela produção e difusão direta de conteúdos próprios (*blogs*, contribuições para sites de jornalismo participativo, além das redes Twitter, Facebook e YouTube).

Não são poucos os trabalhos que destacaram este aumento significativo do universo de autoria na comunicação, com o advento das redes. Algumas questões, no entanto, ainda carecem de uma análise mais aprofundada. Apontamos aqui três questões que devem ser respondidas em pesquisas de rede. A primeira delas é em que medida há uma reconfiguração na relação de interlocução entre imprensa e sociedade, com a chegada desses novos atores. Esta reconfiguração de interlocução pode ou não indicar mudanças nas relações de poder entre as vozes e atores sociais - o que não significa necessariamente inversão nas relações de dominância.

A segunda questão que motivou a pesquisa é: quais os efeitos que essas mudanças na relação de interlocução têm sobre a constituição, formulação e circulação de discursos? Não se pode afirmar sequer se os efeitos, que possivelmente existem, são

¹ Ver Verón (2004) e Fausto Neto (2006).

relevantes para configurar um “novo mapa” de relações simbólicas entre os atores sociais.

Tal cautela deve ser preservada na terceira questão que trazemos para nossa investigação sobre o caso “Voz da Comunidade”: se há novas relações de poder e novas relações de sentido, de que maneira, a partir de dispositivos analíticos, podemos efetuar a compreensão do próprio processo discursivo? Questão essa que nos remeterá a pelo menos quatro subquestões, que serão trabalhadas, sob o ponto de vista discursivo no quinto capítulo:

a) como estes interlocutores em suas posições discursivas reproduzem ou metaforizam sentidos?

b) como atualizam memórias discursivas, com todo o processo de vocalização e silenciamento que esta atualização implica?

c) quais as relações imaginárias com o outro, empreendidas pelos interlocutores

d) que formações discursivas atravessam os seus ditos e não-ditos?

Inversamente ao modo como foram enunciados os problemas de pesquisa, é a própria compreensão do processo discursivo destas interlocuções (questão de número três) que permitirá responder melhor às duas questões anteriores.

Para tanto, estruturaremos este trabalho em duas partes, que serão apresentadas em seis capítulos. Na primeira parte deste trabalho, discutiremos os elementos para o estudo das redes. Na segunda, trataremos as questões discursivas e a análise de nosso objeto.

No segundo capítulo, procuraremos estabelecer como se dão as novas formas de produção e consumo nas redes com chegada da figura do produ usuário. As principais diferenças entre o Twitter e as demais ferramentas de mídia social e a eleição desta como nosso suporte também serão discutidas neste capítulo, que abordará, ainda, as possibilidades proporcionadas pela evolução dos softwares e o papel da simplificação dessas ferramentas na proliferação de novos discursos na *web*. Outro ponto importante para nosso debate são as formas de vigilância em relação à imprensa e à sociedade em geral, que são proporcionados pelas redes sociais e modificam as formas de produção e participação na rede.

No terceiro capítulo, discutiremos o conceito de midiatização, que traz a perspectiva da complexificação dos processos de produção de sentidos a partir das novas ferramentas disponibilizadas na *web*. Diante da emergência de novas fontes que

surtem nesse ambiente midiático, torna-se necessária a conceituação do papel delas no jornalismo e suas diferentes características. A questão da legitimação das práticas jornalísticas será outro ponto abordado, já que a imprensa tradicional presencia a perda de um lugar de fala privilegiado e, muitas vezes, legitimado pela posição e pelo discurso, e também se vê diante de outros questionamentos.

Na segunda parte do trabalho, discutiremos como se dá a participação de novas vozes no ambiente midiático, observando questões como produção de novos discursos e as relações de distanciamento e proximidade nos discursos de veículos tradicionais e das “vozes das comunidades” que ecoam nas redes. Para isso, no quarto capítulo iremos iniciar as análises dos discursos do Voz da Comunidade. Após uma passagem pela metodologia, discutiremos, a partir dos enunciados coletados, questões como arquivo e memória, paratexto, silenciamento/vocalização, paráfrase e polissemia, entre outros conceitos trabalhados pela Análise do Discurso Francesa.

No quinto capítulo e última parte deste trabalho procederemos à análise, do caso A Voz da Comunidade, confrontando-o com a utilização que o Jornal Extra fez do Twitter, por ocasião da ocupação do Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, por forças policiais e militares. Esse é nosso contexto de observação.

2. MÍDIAS SOCIAIS: ATORES E CONEXÕES

No dia 25 de janeiro de 1984, o Jornal Nacional tentou ludibriar os telespectadores brasileiros. Na ocasião, o telejornal exibiu cenas de uma manifestação na Praça da Sé, em São Paulo, afirmando, em chamada lida pelo apresentador Marcos Hummel, que o evento acontecia em virtude do aniversário da cidade. A manifestação era real: no local encontravam-se dezenas de milhares de cidadãos em frente a um palanque onde lideranças políticas discursavam. O motivo primeiro que o “Jornal Nacional” atribuiu àquela movimentação era inverídico. A multidão estava no local para exigir eleições diretas para a Presidência da República. As informações sobre o comício ficaram em segundo plano na reportagem.

Exatamente 27 anos depois, o mundo presenciou o movimento que culminou na renúncia do ditador egípcio Hosni Mubarak. Orquestrado em grande parte pelas redes sociais (sobretudo pelo Twitter e Facebook), o movimento ganhou as ruas, mobilizando milhares de pessoas e impedindo que as manifestações perdessem força durante os 18 dias de mobilização. A partir do momento em que os protestos ganharam as ruas, o fato de a imprensa internacional não ter se dado conta da amplitude do movimento e da imprensa local estar sob censura ou associada ao poder, fez com que a internet passasse a ser o principal instrumento de divulgação do movimento para os egípcios e para o mundo.

No Facebook, as ações nas ruas ganharam repercussão a partir dos amigos e parentes daqueles que postavam. Mas foi pelo Twitter que as manifestações tiveram maior poder de influência: as *hashtags*² #Tunisie, #Sidibouid e #Jan25 mobilizaram os tuiteiros não só da Tunísia, mas de todo o mundo, que as mantiveram no *trending topic*³ mundial durante vários dias consecutivos.

Esses breves relatos mostram fatos completamente diversos, ocorridos em épocas distintas, mas apontam para os avanços proporcionados pelo mundo cada vez mais conectado, marcado pela convergência de tecnologias. Não seria exagero supor que a Globo teria se comportado de maneira diferente, se as redes sociais existissem naquele tempo.

² Palavras-chave antecedidas pelo símbolo "#", que servem como forma de categorização de determinados temas em discussão no Twitter. Elas podem se transformar em *hyperlinks* dentro da rede e são indexáveis pelos mecanismos de busca.

³ Os *trending topics* ou TTs são uma lista em tempo real das frases mais publicadas no Twitter pelo mundo.

A informação – bem mais precioso desta era de globalização, digitalização e convergência tecnológica - tem ganhado novos suportes possibilitando, sobretudo, uma mudança de paradigmas na maneira como as pessoas produzem e buscam conteúdos na atualidade. As inovações tecnológicas no final do século XX e início do século XXI criaram as bases para o surgimento de um novo sistema de transmissão de dados e informações, cuja característica primordial são as redes de computadores – e também as mídias locativas – interligando as comunidades sociais (CASTELLS, 2003, p.106).

Outros exemplos dessas formas de participação da população foi o papel desempenhado pelas mídias sociais - Twitter, Facebook, YouTube e *blogs* - na Primavera Árabe. Em estudo sobre o fenômeno, o professor da Universidade de Washington, em Seattle, Philip Howard, concluiu que foi o Twitter, juntamente com outras redes sociais, que foram o pivô das revoltas populares que derrubaram ditadores na Tunísia e no Egito, no início do ano. Os resultados, publicados pelo Projeto sobre a Tecnologia da Informação e o Islã Político (PITPI) partiram da análise de três milhões de *tweets* relacionados à Primavera Árabe. Uma das conclusões do trabalho – segundo entrevista de Howard concedida ao jornal Folha de S. Paulo – é que embora não tenham provocado a revolução em si, Twitter, Facebook, YouTube e *blogs*, nessa ordem, deram aos protestos grande repercussão e visibilidade e a principal consequência foi a queda dos ditadores Zine Ben Ali, na Tunísia, em janeiro, e Hosni Mubarak, no Egito, em fevereiro (HOWARD, 2011).

Para o autor, a maioria dos regimes autoritários não tem, ainda, “compreensão mais sofisticada das mídias sociais” (HOWARD, 2011, p.3). Mas ele evita, porém, usar expressões como “Revolução do Twitter” ou “Revolução do Facebook”, pois os regimes usam as redes também para coletar dados e arquitetar a contrainsurgência.

No atual ambiente sociotécnico, não se pode falar em produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, mas como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras. A partir dessa percepção, torna-se oportuno analisar como as ferramentas de mídias sociais, em especial o Twitter, têm também atuado na reconfiguração das relações de poder e na mudança do jogo de sentidos em sociedades nas quais a imprensa ocupa papel destacado. A partir da Análise de Discurso de linha francesa, pretendemos averiguar como as redes sociais vêm travando, com o jornalismo tradicional, uma luta pela interpretação e espaços de

consenso, que se dão por meio de novos processos de escrita/leitura presentes nas comunicações digitais.

Os conteúdos publicados nas redes não são mais ignorados pelos grandes meios de comunicação. Em julho de 2011, a revista inglesa *The Economist*⁴ publicou uma reportagem especial, apresentando um panorama dos reflexos das redes sociais em toda a indústria midiática, com análises dos efeitos da ação das redes sociais sobre as rotinas de produção jornalística. Segundo a publicação, “graças ao crescimento das mídias sociais, as notícias não são mais reunidas exclusivamente por repórteres e transformadas em uma história, mas surgem em um ecossistema no qual jornalistas, fontes, leitores e expectadores trocam informações”⁵.

Apesar da expansão destas novas possibilidades de publicação, a imprensa manteve-se cautelosa, em um primeiro momento, com relação ao conteúdo que não fosse proveniente dos meios tradicionais. Inicialmente, muitas organizações chegavam a ser hostis ao conteúdo que, por meio dessas novas ferramentas, vinha ganhando espaço nas discussões públicas. Alguns temas, mesmo com potencial de impactar a opinião pública, chegavam a ser ignorados pelos noticiários.

A mudança que, de acordo com a reportagem, representa uma “renovação dos jornais”, teve início com a popularização dos blogs que, indo além da função originária de diários pessoais, começaram a ser utilizados como dispositivos de informação e comunicação pública. Pode-se notar que, ao longo da primeira década do século, diversos veículos de comunicação jornalística começaram a mudar o seu posicionamento com relação aos conteúdos espontâneos publicados em redes sociais e diários virtuais.

A explosão dos *weblogs* se deu a partir do início dos anos 2000 e ganhou força na rede mundial de computadores após o ataque às torres do *World Trade Center*. Diante desse crescimento, que não podia mais ser controlado, nem mesmo ignorado, grandes grupos de mídia passaram a abarcar, em seus portais, este formato de publicação, até então visto como uma forma “alternativa” de divulgar informações, e que buscava contornar o oligopólio exercido pelos grandes conglomerados de comunicação. Essa utilização, contudo, ocorreu por meio da publicação de blogs de seus colunistas mais experientes ou mesmo de editorias específicas, embora, inicialmente,

⁴ <http://econ.st/materiamidiassociais>

⁵ Tradução nossa: *Thanks to the rise of social media, news is no longer gathered exclusively by reporters and turned into a story but emerges from an ecosystem in which journalists, sources, readers and viewers exchange information.*

muitos deles sejam apresentados como colunas “que mudaram de nome e se tornaram mais dinâmicas, com atualização contínua e a possibilidade de inserção de comentários dos leitores” (PALACIOS, 2006, p.2). Dessa forma, os órgãos de imprensa iniciaram um processo de maior interlocução com a rede, além da função própria desempenhada pelos portais, que era a veiculação de conteúdo pré-determinado.

Um segundo fator que levou os veículos jornalísticos a ampliar seu grau de interlocução com a rede foi a adesão à internet de um amplo universo de profissionais (especialistas em diversas áreas, atuando como “fontes espontâneas”, personagens da indústria cultural, e mesmo jornalistas não atrelados necessariamente aos portais) e instituições (que incorporaram à sua comunicação estratégica a veiculação de conteúdos na internet), fenômeno que não teria como ser ignorado pela imprensa tradicional, ainda que a desconfiança em relação aos novos conteúdos se mantivesse.

Não é novidade a constatação de que o jornalismo vem sofrendo os impactos provocados pela utilização das Novas Tecnologias de Comunicação, bem como também o leitor, que está mudando sua forma de pensar e de se relacionar com os conteúdos informativos. A partir daí, com o crescimento das ferramentas de redes sociais, verificou-se o surgimento de uma mídia horizontal, na qual mais pessoas, com acesso a determinados *softwares*, (Twitter, Facebook ou Wordpress, por exemplo) tornaram-se potenciais produtores de conteúdo. Ainda de acordo com a análise do *Economist*, “as pessoas comuns estão cada vez mais envolvidas na compilação, compartilhamento, filtragem, discussão e distribuição de notícias”.

Na tentativa de se adaptar a essa nova forma de consumir informações, grandes veículos renderam-se às redes sociais e apropriaram-se do formato já difundido em uma clara intenção de se aliar ao “inimigo”, para não perder seu lugar. Ainda sem uma clara política de utilização dessas ferramentas, os veículos foram se lançando à rede, à medida que a concorrência adotava a mesma postura.

Entre os principais veículos na *web*, o primeiro passo foi dado pelo Estadão, que se lançou no Twitter em julho de 2008, mais de dois anos após a criação da ferramenta, em março de 2006, pela empresa Obvious. O ingresso na rede foi seguido pela concorrente Folha de São Paulo, em novembro do mesmo ano. Curiosamente, os sites noticiosos só se adaptaram depois, como o G1, em maio de 2009 e o Terra, em outubro de 2009, conforme informações disponibilizadas nos próprios sites dos veículos.

O trabalho com as redes sociais chegou a ser apontado pela direção da Folha de São Paulo, durante o anúncio de seu novo formato, como uma das prioridades do veículo, em maio de 2010. Uma equipe específica foi escalada para ampliar a presença do *site* do jornal no Twitter (no perfil @folhaonline e nos 18 canais das editorias), no Facebook (www.facebook.com/folhadesp) e em outras redes “que atraem quase 90% dos internautas ativos do Brasil”⁶.

Antes da análise propriamente discursiva, é necessário recuperar algumas considerações que teóricos das redes vêm fazendo acerca deste novo momento da comunicação social. Como característica comum, a certeza de que há uma nova configuração das relações de interlocução, com efeitos sobre as relações de poder e troca de mensagens/informações. Quase todas trabalham a partir de preocupações com a inserção e veiculação de conteúdo, deixando as questões discursivas em aberto. São justamente estas últimas que traremos à discussão, após uma exposição de teorias de redes e sobre como alguns autores veem este momento da história das mídias.

Segundo Recuero (2009), uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Para estudá-las, é necessário analisar também seus elementos e processos dinâmicos. Os atores são os indivíduos que irão moldar as estruturas sociais da rede por meio da interação e da construção de laços sociais. Segundo a autora, as redes podem ainda ser chamadas de representações de atores sociais.

São espaços de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade (...) há um processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores no ciberespaço (...). Essas apropriações funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. A individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na internet (RECUERO, 2009, pp.24-25).

As ferramentas sociais disponibilizadas na web são apropriadas como formas de expressão do *self*, espaços do ator social, e percebidas pelos demais dessa forma. Sendo assim, os atores no ciberespaço podem ser compreendidos como indivíduos que se expressam por meio de seus *sites*, *blogs*, redes sociais e, no nosso caso, perfis no Twitter.

⁶ <http://bit.ly/folharedes>

Ainda conforme a autora, enquanto os atores representam os nós da rede, as conexões podem ser percebidas de maneiras diversas. De forma geral, essas conexões são constituídas a partir de laços sociais, formados a partir da interação entre os atores. Tais interações são percebidas graças à possibilidade de manutenção dos rastros sociais dos indivíduos ali estabelecidos. “Essas interações são, de certo modo, fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador a percepção das trocas sociais, mesmo distante, no tempo e no espaço, de onde foram realizadas” (RECUERO, 2009, p.29).

A forma de interação mantida nesses espaços também é outro fator que merece atenção especial. Quanto à forma de relacionamento nesse ambiente, conforme Primo (2007), a interação poder ser mútua - quando criativa, imprevisível, construída pelos atores –, ou reativa – quando limitada, baseada em estímulo-resposta, previsível, e não-criativa.

Os sites de redes sociais são espaços que, segundo Boyd e Ellison (2007), possibilitam a seus usuários a construção de perfis públicos ou semi-públicos, em um sistema interligado, capaz de articular uma lista de outros usuários com os quais compartilham conexões. Enquanto que Castells (2003) aponta para duas características fundamentais comuns às redes sociais. A primeira é o “valor da comunicação livre, horizontal, baseada na prática da livre expressão global, em uma era de conglomerados de mídias e burocracias governamentais censoras” (CASTELLS, 2003, p.62). Outra particularidade da rede destacada pelo autor é sua formação autônoma, na qual qualquer pessoa pode encontrar sua própria destinação neste ambiente. “Embora extremamente diversa em seu conteúdo, a fonte comunitária da internet a caracteriza, de fato, como um meio tecnológico para a comunicação horizontal e uma nova forma de livre expressão” (CASTELLS, 2003, p.63).

Essa presença nas redes vem sendo cada vez mais estimulada na atualidade e as pessoas têm buscado, a qualquer preço, ocupar espaço nesse grande universo de *bits* sem limites. A necessidade de dizer ao outro o que se está fazendo é apontada por Bauman (2008) como um “novo pendor pela confissão pública no mundo líquido-moderno dos consumidores” (BAUMAN, 2008, p.21). O anseio de reconhecimento pelo público, seja a partir de uma informação inédita ou de qualquer contribuição que os usuários julguem relevante, tem estimulado a participação dos indivíduos. “Há muitas coisas na vida além da mídia, [...] mas não muito... Na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte” (GREER, 2008, p.21).

A partir dessa perspectiva, Castells conceitua que o âmago da sociedade da informação não é a centralidade de conhecimentos e informação,

mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (CASTELLS, 2003, p.69).

Uma das principais funções do Twitter, a ferramenta que se constitui como objeto de nosso estudo, parece ser sua utilização como uma rede social para a troca de informações. Dessa forma, o Twitter poderia ser caracterizado como uma ferramenta de *feed* especializada. Os *feeds* – também conhecidos com *RSS Feeds*⁷ – são usados para que um usuário de internet possa acompanhar os novos artigos e demais conteúdos de um *site* ou *blog* sem que, para isso, precise visitar o *site* de origem. As informações dentro dos temas “assinados” pelo usuário, por meio desse recurso, são agrupadas em uma só plataforma.

A partir dessa forma de utilização, os usuários escolhem seus “amigos” não apenas com base no critério de amizade, conhecimento e parentesco, mas principalmente a partir do tipo de informação que este *following*⁸ pode lhe proporcionar.

Isso quer dizer que um dos usos mais destacados é aquele onde os atores escolhem [...] twitters que podem trazer informações relevantes a respeito de assuntos de seu interesse. [...] há uma busca pelas fontes que possam trazer informações novas para a rede social. (RECUERO, 2009, online)

Informações que muitas vezes não são buscadas somente nos perfis institucionais de determinados veículos. Uma das curiosidades dessa colocação é o fato de muitos jornalistas, por exemplo, possuírem mais seguidores que os próprios veículos para os quais trabalham. Enquanto o perfil do Jornal Nacional (@JNTVGloboBrasil), por exemplo, possuía 156.836 seguidores até março de 2012, seu principal âncora, o jornalista William Bonner, tinha 2.927.037 na mesma data.

2.1. Novas formas de produção e consumo na rede

A *web* permitiu que novos provedores de notícias (de blogueiros individuais a sites como o *Huffington Post*⁹) registrassem uma rápida ascensão para o primeiro

⁷ *Really Simple Syndication*. Os *RSS feeds* oferecem conteúdos ou resumos de conteúdos com os *links* para as versões completas e para outros metadados.

⁸ Seguidor.

plano. Além disso, a rede tem possibilitado abordagens inteiramente novas para o jornalismo, como a praticada pelos *WikiLeaks*¹⁰. Uma das consequências desse movimento é o fato de que a agenda de notícias não é mais totalmente controlada pelo que os mais críticos chamam de “barões da imprensa”.

O estudo das redes sociais na internet tem recebido constante atenção dos pesquisadores de cibercultura por seu potencial comunicativo e de sociabilidade. Shirky (2008, p.300) chega a afirmar que as questões mais importantes não são sobre se essas ferramentas irão se espalhar ou modificar a sociedade, mas sim como elas farão isso.

Segundo Castells (2000), as novas tecnologias integram o mundo em “redes globais de instrumentalidade”. A Comunicação Mediada por Computadores (CMC) gera uma enorme gama de comunidades virtuais. No entanto, segundo Castells a tendência para a década de 90 foi a construção da ação social e das políticas em torno das identidades primárias. “Nessa nova sociedade pós-industrial a defesa da personalidade e cultura do sujeito contra a lógica dos aparatos e mercados substitui a ideia de luta de classe.” (CASTELLS, 2000, p.64).

A preocupação dos veículos de comunicação em adaptar seu conteúdo e sua forma de distribuição, ampliando seus canais frente ao avanço das ferramentas de mídias sociais, reforça a teoria de que a sociedade em geral presencia um desgaste do padrão baseado em um centro distribuidor de conteúdos. Diante desse cenário, uma das apostas é a de um modelo em que todos têm a possibilidade de transmitir informações (modelo todos-todos) (LÉVY, 1999, p.63).

No mesmo sentido, John Browning e Spencer Reiss destacam que:

A velha mídia divide o mundo entre produtores e consumidores: nós somos autores ou leitores, emissores ou telespectadores, animadores ou audiência; como se diz tecnicamente, essa é a comunicação um-todos. A nova mídia, pelo contrário, dá a todos a oportunidade de falar, assim como escutar. Muitos falam com muitos – e muitos respondem de volta. (apud DIZARD, 2000, p.97)

Neste momento, em que não é possível visualizar com clareza os papéis desempenhados por produtores e consumidores no palco da rede mundial de computadores, Steven Johnson (2001) também reforça a existência de um novo

⁹ *The Huffington Post* é um portal de notícias e agregador de blogs americano. Além de colunas de seus editores e comentaristas habituais, traz ainda artigos de variadas personalidades, como Barack Obama, Hillary Clinton, Norman Mailer, Saskia Sassen, John Cusack e Bill Maher. O site publica furos de notícias atuais, fazendo o contraponto liberal às coberturas da grande imprensa.

¹⁰ Organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página postagens de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos diversos.

fenômeno, uma espécie de “segunda onda da revolução interativa” desencadeada pela computação: um modelo de interatividade baseado na comunidade, na colaboração muitos-muitos. Com a produção coletiva do conteúdo compreende-se o que Johnson classifica como uma “mistura de *feedbacks* positivo e negativo, uma dose de acaso estruturado, interação entre vizinhos e controle descentralizado” (JOHNSON, 2003, p.57).

Para Primo (2008), os *blogs* e redes de *microblog* participam hoje do “composto informacional midiático”, mesmo daqueles que não publicam nos meios digitais, mas os leem.

Chamo de composto informacional midiático o conjunto de informações disseminadas tecnologicamente por meios de comunicação que servem para a atualização individual sobre notícias. É importante notar que meios de comunicação não são aqui limitados à mídia tradicional, como jornal, revista, rádio e televisão. Para a discussão do composto informacional são considerados desde fanzines, rádios-livres a portais na *web*, *blogs* e *microblogs*. Nesse sentido, a formação do composto informacional midiático pode não levar em conta se quem publica o conteúdo noticioso é um jornalista ou uma instituição midiática; tampouco se a notícia é relato de um fato ou um rumor, já que tanto um quanto o outro agendam as conversações e têm impacto sobre o estar no mundo (PRIMO, 2008, p.5).

Jenkins vai além e visualiza uma interação cada vez mais complexa entre novas e antigas mídias, por meio da convergência. Conforme o autor, a circulação de conteúdo depende fortemente da participação ativa dos consumidores. Para ele, a convergência representa uma transformação cultural, já que a sociedade é incentivada a procurar novas informações e a fazer novas conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. “Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras” (JENKINS, 2008, p.30).

Por convergência refiro-me aos fluxos de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p.29).

Ainda segundo Jenkins, a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação do que o velho paradigma da revolução digital. “Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mais propriamente, suas funções e *status* estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias” (JENKINS, 2008, pp.41-42).

Nesse novo contexto, a comunicação deixa de ser um processo unidirecional e horizontal para se transformar em um sistema rizomático¹¹, no qual já não é possível identificar emissores e receptores. A fusão entre papéis dos produtores e consumidores de informações também foi destacada por Bruns, que cunhou a expressão “produsuário”¹², na tentativa de classificar esses novos atores da rede. “Produsuários estão envolvidos em *produsage* – a construção contínua e colaborativa e a ampliação do conteúdo existente na busca de novas melhorias” (BRUNS, 2008, p.21). Papéis que, para ele, são facilmente desempenhados hoje por um mesmo indivíduo. “Qualquer um que possua acesso à web, pode ser um editor, um contribuinte, um colaborador, e um participante na produção de notícias. Em síntese, um produsuário” (BRUNS, 2008, p.23).

O público, que ganhou poder com as novas tecnologias e vem ocupando um espaço na interseção entre os velhos os novos meios de comunicação, está exigindo o direito de participar intimamente da cultura (BRUNS, 2008, p. 53). Nesse sentido, a participação de novos atores no processo de produção de notícias no meio digital não se limita à possibilidade de publicação autônoma de conteúdos. Há a possibilidade de colaborar de outras formas, tanto com a produção quanto com a distribuição de informações: como o envio de pautas, opinião ou comentários em sites de veículos tradicionais.

Ainda conforme Bruns, a notícia deixa de ser um produto para se tornar um processo, “gradualmente evoluindo em direção a um melhor entendimento da ‘verdade’” (BRUNS, 2008, p. 82). Dessa forma, esses produsuários têm colaborado em diversas etapas do processo jornalístico, evidenciando a relação entre profissionais e amadores.

As redes digitais criaram um novo ambiente social, com o desenvolvimento do modelo de autoria coletiva, sabedoria das multidões¹³ e das comunidades inteligentes. Bloom (2004) faz paralelos entre os sistemas de inteligência coletiva humana e as dinâmicas inteligentes que podem ser encontradas na natureza. A principal metáfora utilizada usada para designar a inteligência coletiva humana é a da colmeia,

¹¹ Rizoma foi usado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000) para simbolizar uma estrutura horizontal, não hierárquica, com múltiplas portas de entrada e saída.

¹² *Produser* (BRUNS, 2008)

¹³ Expressão apresentada por James Surowiecki (2004) na obra *The wisdom of crowds*. O autor desenvolve a ideia de que decisões tomadas conjuntamente por uma comunidade ou grupo de pessoas podem ser mais relevantes que as de um especialista.

como complexo sistema de auto-organização. Já Johnson (2003) estudou o comportamento de formigas para analisar a inteligência emergente de sistemas de auto-organização. "Padrões maiores podem emergir de ações locais descoordenadas" (JOHNSON, 2003, p.29)

Lemos e Santaella (2008) destacam Engelbart como outro autor que aprofundou seus estudos no campo da inteligência coletiva, com ênfase ao estudo das tecnologias da informação como catalisadoras desses processos. Para ele, o desafio seria ampliar a inteligência coletiva das organizações e da sociedade e aumentar a capacidade de gerenciar rápidas mudanças de natureza técnica, social e econômica.

Porém nenhuma destas abordagens teóricas integra tão bem os elementos sociais, antropológicos e relacionais às possibilidades tecnológicas das redes sociais digitais, quanto as de Lévy (1994). O autor conceituou como inteligência coletiva um novo tipo de pensamento sustentado por conexões sociais que são viáveis através da utilização das redes abertas. Segundo Lévy, a capacidade de formar e reformar rapidamente coletivos inteligentes irá se tornar a arma decisiva dos núcleos regionais de conhecimentos específicos em competição com um espaço econômico mundializado. Em sua obra *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*, define o fenômeno como

uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. [...] o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas (LÉVY, 1994, p.29).

A possibilidade de descentralização das iniciativas é um dos pontos discutidos por Callon. O autor caracteriza a existência de uma terceira via “que reconcilia modernização e tradição, a que torna compatíveis ação individual e projeto coletivo, a que nos faz entrar em um mundo que compartilhamos pacificamente as coisas que criamos” (CALLON, 2004, p.79). Para Vacas (2010), a ideia de compartilhamento acabou com um dos mitos da comunicação do século passado, “de que os indivíduos eram receptores devido a uma espécie de inércia já que, entre outras

coisas, nem todo mundo tem algo importante para dizer às pessoas, nem que a maioria tem vontade de se converter em emissor”¹⁴ (VACAS, 2010, p. 19).

Já Lemos (2004) cita Pool para conceituar os novos media como “tecnologias da liberdade”

Por tecnologias da liberdade Pool entende aquelas que não se pode controlar o conteúdo, que colocam em questões hierarquias, que proporcionam agregações sociais e que multiplicam o polo de emissão não-centralizada. Assim, por exemplo, com os hipertextos, a liberdade de navegação do usuário desestabiliza distinções clássicas entre leitor e autor (apud LEMOS, 2004, p.70).

A liberação do polo de emissão, que permite a qualquer pessoa produzir o que quiser, quebrando a hegemonia dos grandes meios de comunicação é uma das principais características que emergem nesse novo ambiente informacional. Esse espaço é constituído pelas tecnologias digitais em rede, que são para nosso tempo um dos mais importantes “artefatos técnico-culturais, pois ampliam e potencializam a capacidade humana de memória, armazenamento, processamento de informações e conhecimentos, e, sobretudo, de comunicação” (SANTOS, 2011, p 77).

O pesquisador Chris Anderson, em *A Cauda Longa*, faz um estudo mais aprofundado dos novos produtores de conteúdo que se multiplicam na web. Analisando o caso de blogueiros, o autor observa que a maior parte deles escreve sobre as áreas que dominam principalmente devido à sua condição de “participantes e não apenas de observadores, que chegam a ter mais acesso às fontes do que os próprios jornalistas” (ANDERSON, 2006, p.183). Ainda conforme o pesquisador, “notícias e informações não mais pertencem apenas ao domínio de profissionais” (ANDERSON, 2006, p. 187).

Jenkins também conceitua esse novo papel dos até então “consumidores”.

Consumidores estão aprendendo a utilizar diferentes tecnologias pra ter um controle mais complexo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores. As promessas desse novo ambiente de mídia provocam expectativas de um fluxo mais livre de ideias e conteúdos. Inspirados por esses ideais, os consumidores estão lutando pelo direito de participar mais plenamente de sua cultura (JENKINS, 2008, p. 46)

2.2. A influência do software

¹⁴ No original “*que los individuos eran receptores debido a una especie de inercian ya que, entre otras cosas, ni todo mundo tiene algo importante que decir AL retso, ni por supuesto, La mayoría tiene la voluntad de convertirse em emissor*” (tradução nossa)

Uma das principais discussões do momento no meio jornalístico hoje é sobre o papel das redes sociais na produção e disseminação de notícias por parte não só dos veículos, mas também pelos usuários em geral. Porém, é importante contextualizar o início deste movimento e quais fatores o proporcionaram.

Segundo Manovich (2008), a partir dos anos 2000, com o desenvolvimento dos *softwares* de mídia, presencia-se uma ampla expansão do número de usuários que passam a utilizar tais ferramentas, tornando a web uma plataforma universal de circulação de conteúdo noticioso, produzido por não profissionais. Prova disso, segundo o autor, é a criação de termos como “mídia social”, “*software* social”, “conteúdo gerado pelo usuário”, entre outros, no intuito de interpretar tal momento.

Um dos primeiros fatores que influenciaram o movimento que coloca indivíduos comuns como produtores de conteúdo, foi a queda nos preços e aumento da capacidade de memória dos meios eletrônicos (como câmeras digitais, *notebooks*, *smartphones*, *tablets*), juntamente com a emergência de novas plataformas de mídia social. A partir daí, é possível observar o crescimento de pessoas (não profissionais de mídia) compartilhando conteúdos em geral.

Passou-se de um modelo de transmissão, publicação e recepção para os atos de incorporar, anotar, comentar, responder, agregar, cortar, compartilhar, além dos realizar *download*, *upload*, *input* e *output* (MANOVICH, 2008, p. 226).

Com as facilidades proporcionadas pelo desenvolvimento dos *softwares* – que proporcionam publicações cada vez mais ágeis e concisas, como o Twitter e o Facebook - observa-se ainda um estímulo a mais na participação dos usuários, mesmo aqueles que não possuem amplo domínio da escrita e que até então não se arriscavam no universo dos *blogs*. A identificação com o meio se dá a partir do uso contínuo e já absorvido de certos formatos digitais que trazem linguagem semelhante, entre eles o *e-mail* e o SMS. “Criou-se um estilo de escrita mais descontraído, coloquial, uma fusão de carta escrita com conversa por telefone” (JOHNSON, 2001, p.105), mas nem por isso menos informativa.

A partir da criação de interfaces simplificadas para a veiculação de conteúdos *on-line*, os ambientes de internet passaram a ser largamente utilizados por usuários não especializados como meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*, em que são veiculadas

representações de identidade e de individualidade, em uma dinâmica análoga ao que Goffman (1998) chama de gerenciamento de impressão.

Ainda conforme Manovich, o paradigma do século XX – em que um pequeno número de produtores profissionais enviava mensagens através de canais de comunicação que controlavam um número gigantesco de usuários – foi substituído por um novo paradigma, no qual um grande volume de produtores de conteúdo publica em uma “*global media cloud*”¹⁵. O usuário pode escolher quando e onde irá ver suas notícias (MANOVICH, 2008, p.247).

Outra característica do novo paradigma descrito pelo autor é a chamada “mobilidade de mídia.” Nas redes sociais, a mensagem nunca chega a um destino final como na radiodifusão (modelo de publicação em massa). Ela continua a mover-se entre locais e pessoas. “Enquanto se move, ela acumula os comentários e discussões. Frequentemente, partes do conteúdo publicado é extraído e remixado com partes de outras mensagens para criar novas mensagens” (MANOVICH, 2008, p.262).

Diante dessas possibilidades que emergem a cada dia, vem crescendo a participação dos antigos “receptores” na produção e distribuição de informações de interesse jornalístico nos fluxos das redes digitais. A internet representa, em relação à era da comunicação de massa, uma superação de uma fase de pouca oferta para um momento de multiplicidade na oferta de bens e informações. Segundo Anderson (2006), se os computadores pessoais liberaram as ferramentas de produção de conteúdo, a internet democratizou os mecanismos de distribuição desses conteúdos, ampliando infinitamente o número de produtos e informações disponíveis. “O PC transformou todas as pessoas em produtores e editores, mas foi a internet que converteu todo o mundo em distribuidores” (ANDERSON, 2006, p. 53).

Para Primo (2008), a Web 2.0 deve ser compreendida não apenas como uma combinação de técnicas, as quais permitem que sites apresentem recursos de interface antes disponíveis apenas em programas instalados no computador, mas também por sua intrínseca “arquitetura de participação”. “Ou seja, o sistema informático incorpora desde seu planejamento recursos de interconexão e compartilhamento” (PRIMO, 2008, p.64). Para O’Reilly (2005), esse tipo de projeto é responsável por um princípio-chave da Web 2.0: os serviços tornam-se melhores quanto mais pessoas o usarem. Se na primeira geração da Web os sites eram trabalhados como unidades isoladas, passa-se agora para

¹⁵ Nuvem de mídia global.

uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo. Logo, O'Reilly destaca a passagem da ênfase na publicação (ou emissão, conforme o limitado modelo transmissionista) para a participação.

2.3. Poder de vigilância

Não é possível analisar as redes sociais, com suas práticas de sociabilidade, isentando-as das formas de vigilância que lhe são inerentes. No contexto deste trabalho, utilizaremos o conceito de vigilância a partir do seu poder de acompanhar e questionar, em tempo real, determinados acontecimentos e informações repassadas pela imprensa

Em trabalho anterior, tivemos a oportunidade de verificar que certos posicionamentos, erros, distrações ou mesmo gafes cometidas pela imprensa, que antes poderiam passar despercebidos aos olhos de muitos, hoje são potencializados por meio da ferramenta, que possibilita amplas discussões e exige da grande imprensa uma resposta, dada a repercussão atingida (LOPES, 2010).

Um episódio que serve como exemplo da utilização da ferramenta sob essa perspectiva envolveu, nas eleições para presidente, em 2010, a então candidata à presidência pelo PT, Dilma Rousseff. No dia 14 de abril de 2010, a pré-candidata à época, postou em seu Twitter uma informação questionando um trecho de seu discurso publicado na edição do dia 11 de abril na Folha de São Paulo. “Mande uma carta para a Folha de São Paulo, ontem, porque na matéria de domingo o jornal atribuiu a mim um trecho de frase que eu não disse...” Em outro *tweet* postou: ““Eu não fugi da luta e não deixei o Brasil.’ Falei que não fugia da luta. Não falei nada referente a sair do Brasil. Coisas bem diferentes.” Em seguida, publicou link do Youtube, que mostra a gravação do discurso com a fala referida (Figura 1).

No dia seguinte ao *post*, a Folha de São Paulo publicou errata, comunicando o equívoco “em parte dos exemplares” do jornal (Figura 2).



dilmabr

✓ Following

Lists

Mandei uma carta para Folha de São Paulo,ontem, porque na matéria de domingo o jornal atribuiu a mim um trecho de frase que eu não disse...

10:39 AM Apr 14th via web

Saio feliz de Fortaleza. Agora sou cidadã dessa Fortaleza bela, que hoje fez 284 anos. Parabéns!

8:13 PM Apr 13th via web

A agenda foi tão intensa hoje aqui em Fortaleza que eu não consegui encontrar a Maria da Penha. Que pena, mas não vai faltar oportunidade.

8:11 PM Apr 13th via web

A quem interessa criar interpretações falsas sobre as minhas palavras? Não importa, a verdade se impõe.Vou seguir em frente.

8:41 AM Apr 13th via web

É bom quando a verdade é reconhecida.Agradeço o profissionalismo do [@blogdoNoblat](#).

8:33 AM Apr 13th via web

Verified Account

Name Dilma Rousseff

Location Brasília

Web <http://www.dilman...>

Bio Twitter pessoal de Dilma Rousseff, ex-ministra do Presidente Lula.

49 following 54,423 followers 2,240 listed

Tweets 109

Favorites

Actions

block dilmabr
report for spam

Following



[View all...](#)

Figura 1

PRIMEIRA PÁGINA (14.ABR) Recep Tayyip Erdogan é primeiro-ministro da Turquia, e não presidente, como informou erroneamente a chamada “Obama ignora Lula e pede sanções imediatas ao Irã”.

BRASIL (11.ABR, PÁG. A7) Em parte dos exemplares, foi publicado erroneamente que a pré-candidata do PT à Presidência disse, em evento em São Bernardo no último sábado: “Eu não fugi da luta e não deixei o Brasil”. A declaração correta, publicada na maior parte dos exemplares, é: “Eu nunca fugi da luta ou me submeti. E, sobretudo, nunca abandonei o barco”.

Figura 2

Outra forma que buscamos para medir o impacto da utilização de tais redes no sentido de vigiar/desmentir a imprensa foi a análise do material utilizado em sites informativos a partir da expressão “desmentiu pelo Twitter”. Para isso foi realizado levantamento junto ao Google Notícias no período compreendido entre os dias 23 de junho e 15 de julho de 2010 . Segundo os dados obtidos, o termo citado foi utilizado em 2.633 matérias de sites de conteúdo noticioso indexados pelo Google Notícias em período inferior a um mês. Não é necessário fazer uma análise aprofundada para perceber que, na maioria dos termos, os usuários são pessoas públicas que discordaram de alguma declaração publicada na imprensa ou possuíam informações privilegiadas, devido aos lugares ocupados.

Nesse contexto, podemos avaliar que a sociedade atual não apenas vigia, mas participa das discussões por meio de novas plataformas digitais, em uma situação que pode ser descrita como “vigilância participativa”. O termo vigilância participativa foi usado pela primeira vez por Mark Poster (1990) para apontar que, nas novas tecnologias de comunicação, a sociedade não seria apenas disciplinada à vigilância, mas

também à participação. Hoje, o termo é retomado e há uma disputa quanto ao seu sentido e ao seu valor. Para alguns autores, a vigilância participativa deve ser positivada seja como forma de empoderamento dos indivíduos na construção das relações sociais e da sua subjetividade (ALBRECHTSLUND, 2008, apud BRUNO, 2009), seja como constituição de uma sociedade transparente e constantemente testemunhada e registrada não pelos estados e grandes corporações, mas pelos próprios cidadãos.

Segundo a pesquisadora Fernanda Bruno,

Paralelamente à vigilância multilateral e consentida das redes sociais, *microblogs* e outros serviços que dizem desde o que estamos fazendo até onde estamos, com maior ou menor riqueza de detalhes (e veracidade, pois sempre é possível dissimular), ampliam-se instrumentos que envolvem formas unilaterais e opacas de vigilância do outro. (BRUNO, 2009, p.12)

Para Bruno, a sociedade presencia uma vigilância que tende a se tornar ubíqua e incorporada a diversos dispositivos, serviços e ambientes, mas que se exerce de modo descentralizado, não hierárquico e com uma diversidade de propósitos, funções e significações nos mais diferentes setores: nas medidas de segurança e circulação de pessoas, informações e bens, nas estratégias de consumo e marketing, nas formas de comunicação, entretenimento e sociabilidade. Ainda conforme a pesquisadora, não há redes sociais (Twitter, Facebook) com suas práticas de sociabilidade isentas de qualquer forma de vigilância ou monitoramento, e um aparato de vigilância adicional que se apropriaria delas.

Vemos crescer, em diversos setores, uma série de proposições – tecnológicas, estéticas, discursivas, administrativas – que incitam os indivíduos a exercerem um olhar e uma atenção vigilantes sobre a cidade, o outro, o mundo. Um primeiro exemplo vem de uma vertente do jornalismo “cidadão” e ‘participativo’, que convoca os indivíduos a flagrarem cenas de suposto interesse público e enviarem aos jornais as imagens disparadas por suas câmeras amadoras. A incitação a um olhar policial-jornalístico, associado a uma atitude ‘cidadã’, é explícita em diversas campanhas do jornalismo participativo, sobretudo o da grande mídia (BRUNO, 2009, p.4).

Os atuais movimentos de participação e colaboração são alvo de uma série de embates, dada a sua potencialidade na abertura de novas formas de fazer política, conhecimento, cultura. “Não por acaso, é exatamente aí que investem as próprias vias do controle, procurando capitalizá-los em seu favor” (BRUNO, 2009, p.5). Diante disso, torna-se oportuno investigar de que forma ocorre uma vigilância dos cidadãos em geral sobre as informações da mídia que lhe são repassadas, neste ambiente em que dominam ferramentas sociais que permitem a essas pessoas contestar, sugerir, acrescentar. E

também é necessário avaliar o sentido inverso e de que forma há apropriações desse material disponibilizado na *web*.

2.4. Twitter: ágora digital?

Segundo pesquisa Jornalismo Digital 2011¹⁶, realizada pelo instituto Oriella PR Network e divulgada em junho de 2011, pela primeira vez, a audiência *online* no mundo ultrapassou a imprensa escrita e a radiodifusão. No Brasil, os índices equiparam-se. Em 2010, 41,7% diziam que os formatos tradicionais impresso e o *broadcast* geravam maior audiência. Já em 2012, o percentual caiu para 34,52%, empatando com o formato online, agora também com 34,52%. O crescimento dessa utilização pode ser comprovado pela mesma pesquisa do instituto Oriella PR Network. Conforme o levantamento, o Twitter serve de fonte para 66,67% dos 84 jornalistas entrevistados no Brasil.

Em relação à audiência do Twitter, o instituto de pesquisa francês Semiocast publicou em fevereiro de 2012 um estudo no qual o Brasil passou a ser o segundo país em número de usuários, ultrapassando o Japão. Levando em consideração contas criadas até o dia 1º de janeiro do mesmo ano, o *microblog* possuía 33,3 milhões de usuários brasileiros. À frente no ranking de usuários estão os Estados Unidos, com 107,7 milhões de tuiteiros. Após o Brasil, seguem Japão (29,9 milhões), Reino Unido (23,8 milhões) e Indonésia (19,5 milhões).

Mesmo diante de seu crescimento no país e adoção por parte dos internautas, torna-se oportuno conceituar o Twitter, ferramenta de *microblogging*, com caráter híbrido entre blog, rede social e mensageiro instantâneo. Com limite de 140 caracteres por *post*, seus textos podem ser escritos não apenas pelo site ou por programas específicos adaptados à sua interface. Lançado em 2006, pela empresa *Obvious*, o sistema chama os usuários a se comunicarem com seus seguidores, a partir da pergunta: O que está acontecendo?¹⁷, Sua interface pode ser considerada como a de um “blog simplificado”, já que possui recursos inerentes às plataformas de *blogs*, como

¹⁶ <http://bit.ly/jornalismodigital2011>

¹⁷ Em seu lançamento, a rede social utilizava o questionamento “O que vocês está fazendo?”. Porém, seu uso no sentido de circulação de informações fez com que a empresa modificasse a pergunta.

publicação de conteúdo em ordem cronológica inversa, agilidade, interatividade e pessoalidade.

O Twitter tem sido constantemente apropriado e adaptado por seus usuários, os quais levaram ao surgimento de convenções e recursos externos à ferramenta, como o sistema de *replies* e *retweets*¹⁸ (apropriados e adaptados posteriormente pelo próprio sistema do rede social), além de *hashtags*, entre outros. Segundo Recuero (2009), o Twitter pode ser conceituado, em um primeiro momento, como sites apropriados de redes sociais, já que não foram construídos originalmente nesse sentido. “São sistemas onde não há espaços específicos para perfil e para a publicização das conexões” (RECUERO, 2009, p.104).

A agilidade proporcionada pela ferramenta e o limite estabelecido pelo meio (140 caracteres por postagem) é outro fator que vem estimulando a participação dos usuários. Perfis de indivíduos comuns dividem espaço com celebridades, jornalistas e organizações em geral, o que contribui para tornar mais complexas as interações que ocorrem no ambiente.

Tomando a atividade *on-line* da qual os tuiteiros participam como uma prática discursiva em vias de legitimação, cabe ressaltar seu papel como “dispositivo de construção de sentidos, de definidor da realidade, ainda que em um contexto restrito” (BRAGA, 2009, p.161). Nessa atividade, além de um trabalho de reprodução de elementos da cultura e da sociedade que a constitui, há também um trabalho de produção, de proposição de sentidos. Ainda conforme Braga, conquista-se a legitimidade, o reconhecimento do valor de seus conteúdos e opiniões, com evidências de relevância quantitativa e qualitativa, mostrando que aquele espaço tem muito em comum com veículos de imprensa tradicionais, apesar de todas as diferenças.

Se, por um lado, a Internet oferece espaço e condições para o surgimento de novos enunciadores, redefinindo, democratizando e socializando as instâncias de produção jornalística, por outro, os processos de legitimação desses discursos exigem grandes públicos e o reconhecimento de outros enunciadores previamente legitimados. (BRAGA, 2009, p. 162).

Para Lemos e Santaella (2010), o Twitter pode ser classificado como “uma verdadeira ágora digital global: ambiente de aprendizagem, clube de entretenimento, ‘termômetro’ social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas” (LEMOS & SANTAELLA, 2010, p. 66). Ainda segundo as

¹⁸ Respostas e retuitagens.

autoras, sua interface possibilita o entrelaçamento de fluxos informacionais e o design colaborativo de ideias em tempo real, modificando e acelerando os processos globais de inteligência coletiva.

Segundo Boyd (2007), por permitir a interação pública entre os atores, os *sites* de redes sociais como o Twitter podem ser considerados como “espaços públicos mediados” com características como persistência (arquivamento dos conteúdos publicados), buscabilidade (permite o rastreamento de informações ainda que não permita o acesso a todo o conteúdo), replicabilidade (circulação por fluxos) e audiências invisíveis (não se sabe onde exatamente sua mensagem irá chegar).

Essas redes, na avaliação de Recuero (2012) constituem uma audiência escalável, cujas interconexões vão “tornar os atores muito mais próximos e fazer com que as informações que são divulgadas alcancem pontos mais distantes da rede” (RECUERO, 2012, p.1).

Ainda de acordo com Santaella e Lemos, a limitação de 140 caracteres a cada atualização fez com que surgisse, com o Twitter, um novo sistema de microssintaxe específico. Suas principais características são captação de informações personalizadas e difusão contínua de ideias.

Um espaço colaborativo onde perguntas, que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos, podem ser livremente debatidas e respondidas; uma zona livre – pelo menos até agora – da invasão de privacidade que domina a lógica do capitalismo corporativo neoliberal que invade tudo, até mesmo o ciberespaço” (LEMOS & SANTAELLA, 2011, p. 67).

O Twitter pode ser classificado como um dos principais exemplos dessas modalidades de participação ativa dos sujeitos, que já não são mais adequadamente descritos pelos termos “audiência” ou “recepção”. A facilidade de publicação e os ínfimos custos de produção possibilitaram a emergência de uma grande quantidade de novos enunciadores nos meios digitais. Não obstante, continuam a existir hierarquizações simbólicas entre esses enunciadores que, por serem múltiplos, não significa que sejam iguais em poder, segundo Braga (2010).

Uma das principais diferenças do Twitter na comparação com outras redes sociais como Facebook, YouTube, entre outras, é o foco da interação social. Conforme Lemos (2010) no Twitter, a ênfase está na qualidade e no tipo de conteúdo veiculado por um usuário específico. Já no Facebook, por exemplo, a informação é disponibilizada

por interação direta entre pessoas que, em sua grande maioria, já mantinham relacionamentos *offline* antes da entrada do usuário na plataforma.

Já entre as principais vantagens do Twitter em relação às demais redes sociais está o fato de os seguidores não precisarem ser amigos ou conhecidos, como ocorre em outros sites de relacionamento, como Facebook, Orkut, entre outros. A relação entre os usuários dessa ferramenta não requer uma confirmação bi-direcional para o estabelecimento de uma “amizade”. Os laços podem ser unidirecionais (seguidores). Os usuários irão atrás de pessoas que vão transmitir informações que o interessam, criando uma relação por meio de “laços fracos” (BARABÁSI, 2003).

Raramente um amigo próximo pode nos oferecer ajuda na hora de encontrar um emprego. Isso porque ele frequenta o mesmo círculo que nós e está, invariavelmente, exposto ao mesmo tipo de informação. Para receber uma nova informação, nós devemos ativar nossos laços fracos. (BARABÁSI, 2003, p. 43).

A escolha do Twitter para o desenvolvimento deste estudo deu-se com base na utilização predominantemente informativa por seus usuários. Pesquisa realizada pelas consultorias In Press e E.Life¹⁹ aponta que o Twitter é a mídia social escolhida por aqueles que querem se atualizar. A maioria dos pesquisados, ou 69,4%, afirmou ter o intuito de se informar na rede e 66,7% afirmaram que usam a rede social para divulgar conteúdo próprio.

Embora a ferramenta tenha sido criada para o uso predominantemente pessoal (o que pode ser comprovado pela pergunta inicial que chamava os usuários a postarem: O que você está fazendo?), aos poucos novas formas de utilização foram sendo incorporadas. Conforme Primo (2008), “em pouco tempo, muitos novos usos ultrapassaram a proposta inicial do Twitter” (PRIMO, 2008, p.46). O espaço passou a ser utilizado para a conversação, o compartilhamento de informações e de links, e até mesmo para campanhas publicitárias e para o jornalismo (ZAGO, BELOCHIO, 2010, p. 414).

Uma das práticas adotadas pela ferramenta é a de *tagging*²⁰, recurso utilizado pelos usuários para categorizar temas de relevância e facilitar a recuperação de mensagens sobre um mesmo assunto. O *hashtag*, como foi batizado, é um fenômeno emergente, um “protocolo social” compartilhado pelas pessoas que conhecem o

¹⁹ www.inpressni.com.br/pesquisa/habitosdeusoecomportamento/habitosdeusoecomportamento.pdf.

²⁰ Palavra ou termo associado com uma informação que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave.

processo. Outra forma de classificação são os *trending topics*, utilizados pelo próprio Twitter para medir, em tempo real, os temas mais comentados na rede social. Por meio do sistema, é possível solicitar a classificação das expressões mais postadas no mundo, em países específicos (Brasil, México, Reino Unido, Canadá, Estados Unidos e Irlanda) e também em 13 cidades norte-americanas, além de São Paulo e Londres.

Outra pesquisa, divulgada pelo Ibope Mídia mostra que 45% dos internautas brasileiros consideram que as redes sociais substituem as informações dos portais de notícias. Para 60% dos ouvidos, as redes sociais oferecem toda a informação necessária para se manter atualizado, conforme mostra o estudo “Many-to-many – o fenômeno das redes sociais no Brasil”²¹, realizado em setembro de 2010.

²¹ http://www.ibope.com.br/maximidia2010/download/Redes_Sociais.pdf.

3. MUDIATIZACÃO: JORNALISTAS E OUTRAS VOZES

Diante das novas formas de participação no debate público proporcionadas pelas ferramentas de comunicação digital, torna-se oportuno ainda, mesmo que brevemente, fazer referência ao conceito de midiatização, trabalhado por Verón (2002), Fausto Neto (2006), entre outros. O aumento do volume de dispositivos que permitem às pessoas distribuírem suas mensagens ao público ampliou a possibilidade de participação de indivíduos comuns na mídia, a partir da visibilidade gerada por algumas dessas ferramentas. Embora os veículos tradicionais continuem ocupando o principal lugar de visibilidade e produção de sentidos, a midiatização traz uma necessidade de constante reafirmação, a partir de estratégias discursivas.

Segundo Fausto Neto (2006) a atual sociedade sociotécnica é origem e meio de um novo ambiente, no qual se institui “um novo tipo de real, que está diretamente associado a novos mecanismos de produção de sentido, nos quais nada escaparia às suas operações de inteligibilidade” (NETO, 2006, p.3). A partir das novas tecnologias da comunicação cria-se uma nova conformidade, como possibilidade geradora de sentidos, conforme o autor. Esses mecanismos produzem e fazem funcionar uma nova forma de sociedade, “cujas finalidades são producionais, porém diretamente vinculadas às lógicas dos fluxos e das operações, e tendo como fim a produção de uma nova forma de vínculo social, no caso as estruturas de conexões” (NETO, 2006, p.3).

Trata-se de uma nova forma de ambiente – da informação e da comunicação – que mediante tecnologia, dispositivos e linguagens trata de produzir um outro conceito de comunicação, calçado na passagem da causalidade à aditividade. Sociedade que tem sua estrutura e dinâmica calcada na compressão espacial e temporal, que não só institui, como faz funcionar um novo tipo de real, e cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem através de laços sociais, mas de ligações sociotécnicas. Nestas circunstâncias, a sociabilidade dá lugar a informacionalidade (NETO, 2006, p.5)

Tal transformação, sob o ponto de vista do autor, ocorre diante de uma nova forma de organização e produção social, na qual o capital já não estaria mais apenas a serviço das estruturas, mas dos fluxos e da informação. Verón (2002) também trabalha o conceito de midiatização sob a perspectiva da complexificação dos processos de produção de sentidos a partir das novas ferramentas disponibilizadas em rede.

A multiplicação, nas sociedades humanas, de suportes tecnológicos autônomos de comunicação (autônomos em relação dos atores individuais) que permitem a difusão das mesmas mensagens em toda a sociedade, tornam a sociedade mais complexa do que era quando estes suportes não existiam, ou só de maneira

embrionária. Isto pode ser curioso. Pois, quanto mais midiaticizada uma sociedade, tanto mais ela se complexifica (VERÓN, 2002, p.35).

Como já se antecipou acima, uma característica comum da maioria dos autores que se debruçam sobre as redes é a preocupação com a produção e veiculação de conteúdo. A própria entrada em cena de questões referentes à midiaticização da sociedade (em suas diversas instâncias: políticas, educacionais, científicas etc) já serviriam para tornar bem mais complexa a discussão sobre os efeitos deste processo. Mas, em nome da precisão do recorte teórico que nos conduz, daremos lugar a uma problematização específica: a possibilidade de veiculação, aparentemente não controlada, de múltiplos conteúdos, a partir de novos atores sociais – antes excluídos desta possibilidade pelas mídias tradicionais – implica necessariamente na transformação das relações de poder e sentido, de autoria e leitura? Para além da possibilidade técnica de “subir” conteúdo, são novas posições discursivas (vozes sociais ou formações discursivas) que estão em jogo? Ou haveria uma proeminência do “mesmo” em relação ao que os meios tradicionais estabelecem como uma cartografia dos discursos sociais?

3.1. Jornalistas, fontes e atores sociais

Em um ambiente midiaticizado, é grande o volume de novas fontes que se impõem ao jornalismo. Como será discutida amplamente a questão da utilização de discursos originários da rede e a transformação de usuários de redes sociais em fontes, achamos oportuno trazer um breve panorama sobre o papel das fontes jornalísticas, bem como suas classificações e usos pela imprensa. Chaparro foi um dos pesquisadores brasileiros a debruçar-se sobre o tema. Para ele, as fontes jornalísticas são produtoras das ações sociais dos atos e falas noticiáveis “com potencialidade maior ou menor de desorganizar, reorganizar ou explicar o mundo presente das pessoas” (CHAPARRO, 1996, p.135). De acordo com o autor, só são convocadas aquelas “que têm algo a dizer e informar, os produtores das ações sociais – dos atos e falas noticiáveis [...] são a base essencial da ação jornalística... Sem elas, não há notícia nem noticiário” (CHAPARRO, 1996, p. 148).

Chaparro irá criar ainda a classificação das “fontes organizadas” que, segundo ele, possuem preponderância nas decisões de pautas jornalísticas hoje. Pesquisas realizadas pelo próprio autor apontam que somente esse grupo de fontes é

responsável por 90% das informações processadas e socializadas pelos meios jornalísticos.

O poder que [as fontes organizadas] detêm deriva do fato de serem sujeitos sociais produtores competentes de conteúdos jornalísticos, em forma de acontecimentos, documentos, pautas e falas relevantes. Investiram em departamentos ou assessorias de comunicação altamente profissionalizadas, dando à notícia, na sua origem, recheios e revestimentos jornalísticos. E porque geram conteúdos e sabem como e quando divulgá-los, agendam a cobertura jornalística (CHAPARRO, 2009, online)

Ainda conforme Chaparro, as “fontes organizadas” compreendem as interfaces jornalísticas de empresas, organizações e/ou instituições produtoras de fatos e falas noticiáveis. “São capazes, portanto, de utilizar a linguagem jornalística e o espaço público em que o jornalismo se transformou, para realizar intervenções discursivas na sociedade, pela via jornalística” (CHAPARRO, 2009, online). O autor também destaca a impossibilidade de se fazer jornalismo sem essas fontes, já que são “produtoras dos acontecimentos e das falas relevantes que nutrem o noticiário jornalístico”. Para Chaparro, essas fontes não devem nem podem ser rejeitadas, porque, “ao noticiarem, exercem o direito democrático de dizer”.

Outra classificação utilizada pelo autor são as fontes informais, que não têm identidade nem atuação institucional, porém, são fundamentais para humanizar a narração jornalística.

São, portanto, protagonistas que falam apenas por si, como pessoas. Em boa parte das situações, elas aparecem nos conflitos da narração jornalística como vítimas ou testemunhas dos fatos da atualidade, em especial aqueles que mais fortemente geram efeitos sobre a vida das pessoas (CHAPARRO, 2009, online).

Há ainda, no sistema de classificação de Chaparro, as fontes aliadas, que são “informantes com os quais os jornalistas estabelecem relações de confiança recíproca”. Há ainda as fontes de referência, as de aferição, documentais e bibliográficas, porém, as três conceituadas acima serão mais importantes para o trabalho, já que é possível identificar nos enunciados da imprensa a utilização do Voz da Comunidade das três formas acima.

Já Mauro Wolf (1987) destaca que a rede de fontes que os veículos estabelecem reflete “a estrutura social e de poder existente e organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos” (WOLF, 1987, p.198). Para Nilson Lage (2008), “é tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher

dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo as técnicas jornalísticas” (WOLF, 1987, p.49). Para o autor, a maior parte das informações jornalísticas é originária de organizações ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público.

Segundo Traquina (2005), qualquer indivíduo está apto a ser uma fonte de informação para os jornalistas. “Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto” (TRAQUINA, 2005, p.190). Charaudeau (2006) vai além ao definir o papel desses sujeitos que atuam no processo de construção da notícia, citando os limites e embates na disputa desses atores por poder.

Para aceder às fontes [...] ora são as informações que chegam aos órgãos (fala-se de fontes passivas), ora são os atores das mídias que vão procurá-las (fala-se de fontes ativas). Coloca-se então o problema dos jogos de manipulação que podem se instaurar entre as mídias e as fontes. De um lado, pressão da parte das instâncias de poder (Estado, governo) ou dos movimentos dos cidadãos (sindicatos, associações, manifestações); de outro, pressão das mídias junto a algumas dessas instâncias (oficiais ou não) para obter informações. (CHARAUDEAU, 2006, p.148)

Ele diferencia fonte de informação e de notícia, no sentido de que qualquer informação está disponível a um receptor, indivíduo ou organismo. Já a fonte de notícia necessita de uma “instância de transmissão”, um mediador, que faça circular determinado saber da fonte. Com base nesses conceitos, é necessário analisar o papel das novas vozes que passam a participar das discussões via veículos tradicionais, catapultadas por sua atuação nas redes sociais. Por meio dessas ferramentas, sujeitos evidenciam sua função de autoria, sem intermediários, e acabam sendo “convocados” a participar das discussões na imprensa tradicional – identificados seja por uma busca rápida por meio da ferramenta ou a partir da repercussão que ganham na rede, ainda que de forma tímida.

Nessa perspectiva, o ato de informar e o ato de escrever, segundo Sbarai, “encontram-se na mira da crítica social, obrigando seus atores a se explicarem e obrigando também a mídia produzir um discurso que justifique sua razão de ser” (SBARAI, 2010, p.16).

3.2. A necessidade de legitimação das mídias

A questão das fontes no jornalismo está diretamente ligada aos modos como o jornalismo se legitima na sociedade. Em uma sociedade midiaticizada, na qual as práticas da mídia são apropriadas por diversos atores da sociedade, e com uma “sensação de vigilância” ampliada, como vimos anteriormente, os veículos tradicionais estão inserindo em suas rotinas práticas interativas das mídias sociais digitais, com suas possibilidades de participação, compartilhamento e distribuição de informações pelo público. Nesse novo cenário, no qual muitos podem produzir e disseminar conteúdos, a imprensa tradicional presencia a perda de um lugar de fala privilegiado e, muitas vezes, legitimado pela posição e pelo discurso, e também se vê diante de outros questionamentos.

Novos modelos jornalísticos, onde a audiência passa a fazer parte do processo como construtores, relatores e debatedores de notícias passaram a emergir, como é o caso do chamado “Jornalismo Participativo” ou “Jornalismo Open Source” ou mesmo “Jornalismo Cidadão” (RECUERO, 2011, p.2)

Nota-se ainda que o jornalismo passa a adotar novas estratégias que justifiquem a manutenção de seu papel de mediação. Tal lógica apresenta-se como uma contraposição ao modelo de transmissão da mídia de massa (um-muitos).

A busca pela legitimação por parte da grande mídia se dá a partir de práticas estratégicas. Ao selecionar as fontes que irão compor o seu discurso, a grande mídia se mantém cristalizada em valores-notícia que irão fornecer parâmetros para suas atividades. Segundo Traquina, “os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham” (TRAQUINA, 2005, p.94).

São esses elementos que permitem aos jornalistas decidir rotineiramente e regularmente sobre quais as “estórias” que são “noticiáveis” e quais não são, quais as “estórias” que merecem destaque e quais as que são relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar. (HALL, apud TRAQUINA, 2005, p. 176)

A legitimação é um processo constante de justificação e explicação de uma ordem institucional. Para Carvalho (2011), tal prática renova um campo já institucionalizado, garantindo sua permanência e mantendo coeso um universo de significação.

Ou seja, seu objetivo é garantir que os papéis continuem sendo representados de modo a manter as características da instituição, garantindo a repetição de suas práticas e o prosseguimento de suas normas de conduta, apesar e através das atualizações que os sujeitos realizam. Ela envolve a transmissão de valores

e conhecimentos institucionais, que são ressignificados pelos atores que a ela pertencem. (CARVALHO, 2011, p.28)

Ainda conforme Carvalho, tanto a institucionalização como a legitimação não são processos estanques, podendo ser visualizados nos modos pelos quais as instituições se explicam e se justificam perante seus públicos, já que quanto mais complexa fica a sociedade, mais problemas de legitimação tendem a ocorrer.

3.3. O Twitter Voz da Comunidade

Entre essas fontes que ganharam destaque nas mídias sociais e foram projetadas para os grandes veículos estão os três moradores do Morro do Adeus, situado no Complexo do Alemão, que desenvolveram um trabalho de informação à comunidade, durante a ocupação da polícia no morro, em novembro de 2010. Tendo à frente o jovem Renê Silva, de 17 anos na época do acontecimento, além de Igor Santos, 15, e Jackson Alves, 13, o perfil no Twitter do jornal comunitário *Voz da Comunidade* (@vozdacomunidade) ganhou repercussão na *web* a partir da narração dos três adolescentes de alguns dos acontecimentos ocorridos com a chegada da polícia e nos dias seguintes à ocupação.

Ao narrar o que viam pelas janelas de suas casas, numa região onde a imprensa não tinha acesso, os jovens chegaram inclusive a retificar informações divulgadas incorretamente pelos veículos de comunicação. “Que isso? RedeTV News tá falando caô hein!!! A comunidade tem LUZ e ÁGUA sim!!! Eles estão confundindo com a Vila Cruzeiro #RT”, como consta no enunciado Voz Da Comunidade (EVC 106), disponível no Anexo I deste trabalho.

E muitos órgãos de imprensa parecem ter se rendido a esses atores, dando espaço para novas vozes e outros olhares que, muitas vezes, não chegavam ao debate público por meio dos veículos tradicionais.

De 180 seguidores que o perfil possuía antes do início da operação, o @vozdacomunidade alcançou mais de 60 mil *followers*, três dias depois. A população do Complexo, cariocas e brasileiros em geral e até mesmo jornalistas, artistas e demais atores do *mainstream* passaram a retuitar os conteúdos publicados pelos estudantes, em um momento em que os veículos tradicionais repassavam informações imprecisas e desencontradas. No auge da crise, a hashtag #vozdacomunidade ocupou o *Trending*

Topics Brasil²². O perfil ganhou destaque com frases que expressavam o desespero dos moradores do Complexo. “iiii caraca!! Metralhadora? Putz! mtooo tiroo” (Evc55).

O feito garantiu ao grupo um prêmio na edição 2011 do Shorty Awards, considerado o “Oscar” do Twitter. Também estão, entre as premiações recebidas pelo grupo, o Prêmio Faz Diferença, do jornal O Globo, na categoria Meganize o 12º Prêmio Orilaxé, do AfroReggae; o Prêmio Anu 2011, realizado pela Central Única das Favelas (CUFA) e o Prêmio Jovem Brasileiro, em São Paulo, promovido pela Agência Zapping.

Apesar de terem ganhado visibilidade fora dos limites do Complexo do Alemão apenas no episódio da ocupação do espaço, em novembro de 2010, a necessidade de fazer circular informações sobre a comunidade é bem anterior a este evento. Aos 11 anos, em 2005, Rene Silva Santos resolveu criar, ainda na escola, o jornal “Voz da Comunidade” para informar os moradores os acontecimentos do território onde vive. “Lá, participei de um jornal interno e tive interesse em criar um para a comunidade. A diretora e professores deram apoio e construí o jornal”, informou em entrevista concedida à Revista Meio e Mensagem, em 20 de abril de 2011, que está disponível no Anexo III deste trabalho.

Sabendo do alcance que poderia ter, em 2009, criou uma conta no Twitter para divulgar notícias do bairro a leitores de fora e, graças à cobertura que realizou durante a ocupação do morro pela polícia do Rio de Janeiro, seu trabalho tomou novo rumo. O resultado do trabalho virou notícia no mundo, sendo exibido pelos canais internacionais CNN, BBC, Al Jazeera, entre outras.

Pouco tempo depois da repercussão alcançada após a ocupação do Alemão, o estudante do Ensino Médio lançou seu novo site, batizado de “Voz das Comunidades” (www.vozdascomunidades.com.br) e expandiu as fronteiras do Complexo ao cobrir os fatos de outras comunidades.

A rotina de trabalho da equipe do jornal, segundo Rene, acontece nos horários em que os jovens não estão na escola. “Procuramos falar bastante de assuntos que envolvam a comunidade de alguma forma, acontecimentos, problemas resolvidos através do jornal, boletins das associações de moradores, receitas, promoções e assuntos polêmicos.”

Graças à repercussão de seu trabalho Rene já ganhou duas bolsas de estudo e, desde 2009, frequenta aulas de inglês. O adolescente vive com a mãe e dois irmãos

²² A lista dos assuntos mais comentados no dia.

menores no Morro do Adeus. O pai morreu há mais de uma década, em decorrência de alcoolismo. É na casa de Rene que o grupo se reúne, define as pautas e discute como melhorar a cobertura. Antes de se dedicar ao jornal e ao Twitter, o adolescente trabalhou como atendente numa pizzaria e vendeu doces e balas na rua para ajudar nas despesas da casa.

Ao falar sobre a experiência da ocupação do Morro do Alemão, Rene afirmou, em seu *blog* pessoal, ter sido “uma experiência bastante diferente e arriscada”

Eu estava falando sobre o que estava acontecendo aqui no Complexo, a operação e várias pessoas começaram a enviar mensagens para pessoas famosas dizendo “Ah, segue esse menino aí, é da favela lá onde tá tendo tiroteio, ele tá falando como tá a situação” e em questão de minutos, a autora de novelas da tv globo, Glória Perez viu essa mensagem e começou a divulgar também para as pessoas seguirem. Foi quando eu vi que meus seguidores pipocaram muito rápido e de 700 pessoas, passou pra mais de 7 mil. Fiquei muito assustado na hora e até com medo de falar alguma coisa (SILVA, 2011, online).

Ainda conforme Rene, o crescimento do número de seguidores surpreendeu o grupo, mas a rotina de postagens não foi suspensa. “Continuei publicando o que acontecia, cada vez mais intensa porque o tiroteio começou a rolar, e eu falava toda a verdade do que estava rolando né.” (SILVA, 2011, online). A repercussão na mídia dos assuntos tratados no Twitter do Voz da Comunidade também foi observada pelo jovem. “[...] eu ligo a tv e vejo na globonews falando do twitter @vozdacomunidade e me assustei: ‘Gente, como assim? acabei de falar aqui no twitter e já está na tv? muito rápido essa parada’ - fiquei preocupado por conta da segurança mas correu tudo bem.” (SILVA, 2011, online).

A partir do movimento e a repercussão do trabalho realizado pelo grupo, Rene também reconhece o poder e visibilidade alcançados nos grandes meios.

Tive medo, às vezes, de que traficantes pudessem entender da maneira errada o modo com que eu estava divulgando os acontecimentos da comunidade. [...] Muitas vezes fui fonte de informações para a mídia tradicional e acabei ganhando mais visibilidade com isto (SILVA, 2011, online).

O trabalho do jovem realizado a frente do Voz da Comunidade possibilitou o convite para um trabalho de consultoria para a próxima novela de Gloria Perez, “Salve, Jorge” que terá um núcleo no Complexo do Alemão. “Conto o que as pessoas gostam de comer, os melhores lugares para curtir a noite”, diz ele em entrevista ao

jornal Meia Hora, em 21 de janeiro de 2012. Segundo o jovem, as orientações para a autora são gerais “Conto para ela o que as pessoas gostam de comer na comunidade, quais os melhores lugares para curtir a noite. Falo também sobre o nosso jornal, Voz da Comunidade, que vai aparecer na novela.” .

4. QUESTÕES DE PESQUISA, CONCEITOS E METODOLOGIA

Acreditamos que mais importante do que avaliar o número de inclusões que esses personagens tiveram na mídia é analisar de que forma essa participação ocorre e quais os efeitos de sentido são produzidos pelos enunciados. O avanço das narrativas digitais, das novas formas interativas de acesso à informação (Twitter, Facebook), das conversas instantâneas (MSN, Google Talk) até as manifestações sociais no Youtube representam o mais novo território de disputa por poder na sociedade.

Discursivamente, podemos ver as novas relações de mídia sob uma perspectiva que põe a linguagem, e, principalmente, as relações entre sentido e poder, como os focos da investigação. Como antecipamos na introdução, pretendemos discutir:

1) Em que medida há uma reconfiguração na relação de interlocução entre imprensa e sociedade, com a chegada desses novos atores. Esta reconfiguração de interlocução pode ou não indicar mudanças nas relações de poder entre as vozes e atores sociais?

2) Quais os efeitos que essas mudanças na relação de interlocução têm sobre a constituição, formulação e circulação de discursos?

3) De que maneira, a partir de dispositivos analíticos, podemos efetuar a compreensão do novo processo discursivo que se instaura com o advento das redes? O que remeterá a pelo menos quatro subquestões:

a) como estes interlocutores em suas posições discursivas reproduzem ou metaforizam sentidos?

b) como atualizam memórias discursivas, com todo o processo de vocalização e silenciamento que esta atualização implica?

c) quais as relações imaginárias com o outro, empreendidas por cada interlocutor?

d) que formações discursivas atravessam os seus ditos e não-ditos?

Segundo Orlandi (2005), o fundamental para a AD é a questão do sentido, já que a noção de leitura – como decodificação e interpretação – é posta em suspenso. Portanto, avaliamos que a AD se torna mais eficaz para o trabalho que procuramos desenvolver, já que os sentidos que atravessam o material recolhido no Twitter são mais relevantes que os textos em si. Sob esse ponto de vista, o texto constitui discurso em sua

materialidade e é pensado em relação às suas condições de produção, a sua exterioridade.

Para a Análise de Discurso, diferentemente da análise de conteúdo, a linguagem não é transparente ou homogênea, como muitas vezes parece ser. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido. Pode-se afirmar que o *corpus* da AD é constituído pela formulação: ideologia/história/linguagem. Segundo Orlandi (1999), a língua não é trabalhada enquanto sistema abstrato na AD, mas com a “língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas” (ORLANDI, 1999, pp. 15-16). Na Análise de Discurso, o discurso é entendido como processo em curso, de forma que não é um conjunto de textos, mas de práticas discursivas. Esta se diferencia de outras práticas que ocorrem na sociedade por ser uma prática simbólica (ORLANDI, 1999, p. 71).

Ao criticar o esquema elementar da comunicação (emissor ⇨ mensagem ⇨ receptor), Pêcheux (1961) define que o discurso, mais que transmissão de informação (mensagem), é “efeito de sentido entre locutores”. Dessa forma, conceitua que, na Análise do Discurso não há linearidade na disposição desses elementos e a mensagem não resulta de um processo em série. Outra questão levantada por Pêcheux é o fato de não haver a separação entre emissor e receptor, já que eles estariam realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não podem ser pensados isoladamente.

Para não alongar o trabalho, visto que há um material bastante extenso sobre o tema, trataremos um brevíssimo panorama da AD. Fundada por Michel Pêcheux em 1969, os estudos em torno da AD foram desenvolvidos sobre três pilares: a linguística de Ferdinand Saussure, o materialismo histórico de Marx, pensado por Althusser e a psicanálise de Freud reordenada pelas leituras de Lacan.

Discurso, nesse referencial, deve ser tomado como efeito de sentidos, algo que não se confunde com um conteúdo sustentado por um indivíduo, nem mesmo como uma simples decodificação de um texto, sob a forma de um esquema de comunicação. Por isso, a AD concebe a linguagem como uma relação entre sujeitos e sentidos, e sobre a sua relação com a história, problematizando as formas de leitura e a inscrição histórica das palavras. Isso porque as palavras estão sempre passíveis de serem ressignificadas, já que não se enquadram em um esquema fechado, “têm suas fronteiras flexíveis e

porosas, são passíveis de jogo e inscrevem-se de modo sempre imprevisível dependendo das condições históricas e das posições-sujeito” (MOREIRA e ROMÃO, 2009, p.10).

Ao pensar a imprensa como objeto de análise, seja a tradicional ou a dita “alternativa”, no nosso caso, é necessário antes de tudo ter em mente a importância dos recortes temporais e regionais, e a eleição do “objeto do discurso da comunidade/imprensa”.

Em manuscrito da pesquisa, “Vestígios, indícios e sintomas: metodologias em análise do discurso aplicadas aos estudos de mídia” (2012), ainda em andamento, o pesquisador Wedencley Alves, destaca ser possível, a partir da AD, fazer leituras discursivas de forma longitudinal – ao longo de um tempo – a partir de um veículo ou mais veículos de forma comparada, ou mesmo a partir de uma seção de um veículo.

Para o autor, a análise do discurso, na maioria das vezes, é “microscópica”. “A extensão do objeto não é a mesma de outros olhares teóricos.” Isso porque por meio da AD, não é possível fazer a análise discursiva de todos os documentos, depoimentos ou outras textualizações de um determinado objeto, segundo o autor. Porém, será possível fazer a análise a partir de textualizações.

Para Alves, a questão basilar para a análise do discurso é a caracterização do objeto.

O objeto empírico de uma pesquisa é o ponto de partida, e no nosso caso nosso objeto empírico é sempre uma materialidade simbólica: uma textualidade qualquer, compreendendo por textualidade uma tessitura simbólica sobre uma materialidade (imagem, texto oral ou escrito, uma fórmula matemática, uma organização espacial, uma corporeidade etc) qualquer que possa fazer sentido para pelo menos um interlocutor (ALVES, 2012).

No entanto, ainda segundo o autor não é objeto empírico o objetivo último da pesquisa discursiva, mas o seu objeto teórico. “ora, não é a textualidade, mas o discurso que está em jogo para o analista, ou mais precisamente, uma questão discursiva, que podem ser múltiplas” (ALVES, 2012).

No contexto da Análise do Discurso, uma questão importante a ser observada é que qualquer indivíduo só significará (dirá com sentido), a partir das posições que assumem nos discursos. Na Análise de Discurso de linha francesa, importa compreender as formações discursivas (FDs) que atravessam um texto ou uma textualidade (imagem, sonoridade, corporeidade etc) qualquer, conforme trabalharemos com mais profundidade na página 95.

São estas FDs que dotam o texto/textualidade de sentidos, e que apontam para a posição que os interlocutores ocupam numa trama de dizeres, que transcende o texto dito, escrito ou falado (ALVES, 2012)

O “exterior” de uma FD, portanto, são as demais FDs, em constantes deslocamentos por conta de transformações históricas, mas também o seu “interior” é constituído por atravessamentos daquelas outras. Segundo Alves, cabe ao analista mapear estas relações levando em consideração seu recorte de objeto e suas escolhas metodológicas. “Não é produtivo nem factível para o analista ‘abraçar o mundo’. Quanto maior a região discursiva que ele quiser dar conta maior aumenta o grau de complexidade de seu trabalho até o limite da inviabilidade da pesquisa” (ALVES, 2012).

5. NOVOS TERRITÓRIOS DE DISPUTA

Ao observar o Twitter, como uma textualidade construída de forma interativa, verificamos que os usuários sustentam uma contínua atualização de arquivos discursivos, parafraseando ou deslocando sentidos. Como leitores e escreventes, compreendem e emitem mensagens a partir de suas posições-sujeito (formações discursivas com as quais se identificam, conscientemente ou não), o que pode resultar numa intensa atividade de reafirmações e deslocamentos discursivos, formando um campo bastante produtivo de pesquisa para o analista.

A própria natureza da atividade discursiva, que escapa de uma reafirmação teórica, liberal, de liberdade plena do falante, sem que se leve em consideração as injunções históricas, sociais e mesmo identitárias, leva-nos a questionar afirmações teóricas anteriores – comuns nas discussões sobre a rede – sobre um suposto novo poder irrestrito dos usuários. É o que, por exemplo, observa Melo (2004):

Embora no ciberespaço cada sujeito seja efetivamente um potencial produtor de informação, a Análise do Discurso vai nos mostrar que mesmo que a rede abrigue uma pluralidade de ideias, de pontos de vista, isso não é suficiente para que haja uma democratização dos discursos. Não basta as ideias estarem lá depositadas, é preciso que elas circulem, que tomem corpo, que elas reverberem. Isto é, que elas entrem na ordem do discurso e não fiquem apenas ‘à deriva na superfície das águas’ (MELO, 2004, p. 137).

Antes de observarmos, em quatro aspectos, as práticas discursivas no Twitter Voz da Comunidade, contrapondo-o ao final com as intervenções do Twitter do Jornal Extra, esse vinculado a um grande grupo de mídia, caracterizaremos nosso objeto como eminentemente discursivo.

5.1 - Paratexto e prolongamento

A utilização, por parte dos internautas, dessa plataforma, que é externa aos veículos tradicionais, para comentar informações divulgadas pela imprensa, aponta para o uso da tecnologia no sentido de possibilitar ao texto uma existência cada vez mais marcada pela fluidez. A partir desta situação, marcada pela relação de textos (nas redes sociais) e a partir de outros textos, podemos recorrer à noção de paratexto, proposta por Genette (1982; 1987) e trabalhada por Dalmonete (2008). A partir deste conceito, o texto

é compreendido como estando em profunda ligação com uma estrutura que o envolve e contribui para que tome forma, produza sentido.

Conforme Dalmonte, o texto, enquanto matéria significativa (na perspectiva da análise do discurso), não pode ser compreendido apenas como uma notícia, por exemplo, mas como uma realidade textual que interage com várias frentes discursivas. O comentário nas redes sociais sobre determinada matéria publicada em um veículo de comunicação (seja nas redes ou não) é um elemento que exerce uma dupla função sobre o texto, o envolvendo e o prolongando. Os elementos que constituem o paratexto são oriundos de um conjunto marcado pela diversidade de práticas e discursos, que confluem para a formação do sentido da obra num contexto mais amplo. “O texto é formado pelos elementos que o envolvem [...] e também pela rede de comentários, especializados ou não” (DALMONTE, 2008, p.3).

Outro fenômeno que pode ser observado na rede é a atualização do material divulgado, consequência de “uma movimentação social em torno de um produto que, não obstante traga as marcas que lhe foram agregadas no processo de feitura, está aberta a receber outras ‘inscrições’, como resultado da apropriação social. (DALMONTE, 2008, p.3).

Por meio da reverberação de movimentos nas redes sociais é possível observar ausência de limites externos. Endereçado ao público em geral e, por meio do suporte midiático, o movimento pode atingir uma parcela significativa do público em questão.

O binômio apresentar e tornar presente desempenha uma ação pressupondo não apenas o papel da crítica especializada, mas também dando lugar ao leitor comum que, na condição de usuário, pode interagir com outros leitores, divulgar o material, a partir da discussão em torno do mesmo (DALMONTE, 2008, p.3).

Neste ambiente, ao compartilhar sua impressão e opinião por meio da ferramenta, o leitor comum tem a oportunidade de participar de uma obra, sem necessariamente fazer parte de sua estrutura, segundo os moldes formais, como no paratexto. Ao mesmo tempo, contribui para a disseminação dos conteúdos que circulam nesse espaço.

Ainda conforme Dalmonte, a liberdade assegurada ao leitor resulta de um novo estatuto que preconiza a liberdade do texto na *web*, que permite a uma obra (compreendendo qualquer formato) ter sua existência ramificada por vários segmentos. “Ao lado ou em decorrência dos elementos que marcam a ‘voz’ oficial, organizam-se

outras vozes que, autorizadas ou não, se pronunciam acerca de produtos culturais” (DALMONTE, 2008, p. 14).

Este “pronunciamento” deve ser observado sob a perspectiva da atualização de uma memória discursiva. A memória, para a Análise de Discurso se configura como um saber discursivo, como matéria fundante da linguagem, como condição do dizível; dessa forma, não há discurso sem memória e essa memória é sempre atualizada a cada dizer. Assim, a memória discursiva sustenta a malha de sentidos já ditos e até mesmo aqueles já esquecidos ou impossíveis de dizer, malha esta que determina a emergência dos discursos.

Importante é lembrar que esta memória não é um território pacífico, e, historicamente, é o resultado de disputas, de uma “luta de vozes”, como já foi definida:

A luta de vozes, que perpassa os ditos do jornal, não se cala, pois ela é reflexo de desigualdades de espaços, acessos, possibilidades e poderes dentro do sistema social vigente no país. Não só essa luta de vozes torna-se relevante para compreender e interpretar o discurso jornalístico, mas também a mistura de vozes merece atenção (ROMÃO, 2005).

A *web* e as redes sociais em geral têm travado com o jornalismo tradicional uma luta pela interpretação e espaços de consenso – luta esta que se dá nos novos processos de escrita/leitura presentes nas comunicações digitais (ALVES, 2010, p.3). Quando nos referimos a esta luta, colocamos em jogo também a própria dinâmica das atualizações, reconfigurações ou apenas reafirmações da memória e dos arquivos – no sentido de memórias materializadas.

Recorrendo a um outro olhar, também teórico-discursivo, podemos citar Maingueneau, que também se debruça sobre o estudo dos novos dispositivos comunicacionais, propondo a existência de uma espacialidade do texto que ultrapassa os padrões conhecidos do escrito e do impresso. Para o linguista, “é possível associar elementos icônicos variados em um paratexto, em enunciados que não são orais, constituindo-se uma realidade que não é puramente verbal (MAINGUENEAU, 2001, p.81), mas “um certo modo de apreensão da linguagem” (MAINGUENEAU, 1998, p.43).

O que se pode chamar de discurso, não é nem um complemento da língua nem um simples uso da mesma, mas língua e uso vinculados à interpretação de sujeitos/indivíduos históricos, que produzem efeitos de sentidos ao tomar a palavra, mexendo na memória do dizer instituída - e que é um processo sempre em aberto, em

construção, afirma Baccega (1998), que faz dialogar questões discursivas e estudos culturais.

Não se pode negar que a rede tem projetado novos atores no debate público. E tal projeção ocorre por meio da linguagem em uso (o que, para alguns autores, é o mesmo que dizer “por meio de discursos”), a partir dos enunciados que os indivíduos produzem em situações sociais específicas, nas quais assumem posições de sujeito. Independentemente da escola ou tendência da teoria discursiva, há uma questão em comum entre todas elas, que é a importância de se considerar as condições de produção em que se dão os discursos, como os meios ou dispositivos comunicacionais em que eles se materializam, circulam, ganham espaço.

Seguindo mais estritamente a perspectiva da Análise do Discurso franco-brasileira, Dias (2004) afirma que, por meio da rede, novas relações de sentidos são tecidas, sendo necessário investigar como a discursividade se textualiza nessa outra ordem de linguagem, que é a do ciberespaço (DIAS, 2004, p.12).

Uma nova construção do real passa a ser tecida - construção no sentido de simulação, de interpretação. Uma outra noção de tempo, de sujeito, de identidade, de subjetividade, convive simultaneamente num espaço-tempo virtual (..) originando uma nova concepção de sujeito (DIAS, 2004, p.18).

Para Alves (2010), a escrita sustenta a condição de modalidade institucional por excelência e do lugar de reconhecimento “dos atestados de autoria”. A reflexão sobre novos processos de escrita/leitura inaugurados pelos suportes e canais de comunicação em rede e pelas novas mídias que com eles surgem passa a ser fundamental para a compreensão de como se dão as relações discursivas na contemporaneidade.

E essa relevância atribuída aos “processos de escrita/leitura” em novas mídias guarda um motivo específico e basilar para a discussão da nossa pesquisa atual, sobre o caso Voz da Comunidade:

Numa cultura em que a legitimação institucional se dá através principalmente da documentação escrita, em que a clivagem escolarizado/não escolarizado passa necessariamente por esta modalidade da língua e em que esta própria clivagem é determinante para a divisão social do trabalho e do pensamento, seja ele operacional, epistêmico ou estético, é evidente que a escrita mantém-se como lugar em que os sujeitos assumem de maneira mais visível a função de autoria, definida discursivamente, como aquela segundo a qual o sujeito, em suas posições discursivo-ideológicas, busca mais plenamente eliminar a heterogeneidade enunciativa, o equívoco e as contradições, dando seu nome em garantia (ALVES, 2010, pp.95-96).

Esta “documentação escrita”, esta “clivagem” entre pessoas autorizadas e não autorizadas a dizer e esta “divisão social do pensamento” estão diretamente ligadas à constituição e registro da memória, que, antes da rede, eram privilégio das instituições e dos meios de comunicação tradicionais. Ora, o registro da memória aponta para o que deve ser lembrado/esquecido, para o que ganha estatuto de história e de ficção e, principalmente, para os discursos que “mereceram” se estabelecer como verdadeiros. Compreende-se aí o que a Análise do Discurso Francesa chama de “efeito de arquivo” e a rede parece promover a desestabilização dos arquivos tradicionais (como veremos no próximo subcapítulo).

5.2 - Twitter como arquivo e vocalização

Uma das principais características da rede é sua possibilidade de criação de arquivo, que possibilita novas formas de registro da memória não institucionalizada, como já dito anteriormente. Diferentemente dos arquivos que tínhamos acesso até o advento da rede (livros, jornais, revistas, entre outros meios), nos deparamos com dispositivos que possibilitam o registro de novas versões, que, na maioria das vezes, não eram contempladas nesses suportes institucionalizados.

Aqui é importante diferenciar a noção de arquivo que estamos trabalhando do conceito proposto por Foucault (1986). Para o autor,

a língua que define o sistema de construção de frases possíveis e o corpus que recolhe passivamente as palavras pronunciadas, o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação” (FOUCAULT, 1986, p 149).

Ainda para Foucault, o arquivo, construído a partir da espessura material dos enunciados efetivos, conduzirá à possibilidade de analisar as práticas discursivas de uma sociedade. Operar com a noção de arquivo é, portanto, salientar que a análise, na perspectiva foucaultiana, desenvolve-se pautada em um conjunto de enunciados efetivamente produzidos que respondem a um sistema de enunciabilidade (SARGENTINI, 2005, p.42).

Já Pêcheux em sua obra *Ler o Arquivo Hoje* (1982), conceitua arquivo como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Porém, também trabalha com as novas possibilidades de leitura de arquivo proporcionadas

pelos bancos de dados, o que irá chamar de “clivagens subterrâneas”. Dessa forma, a partir da leitura de arquivos/bancos de dados ocorre uma mudança nos gestos de leitura, já que a ordem desse discurso não é a mesma em que o livro (ou outro suporte) foi produzido. É o material resultante dessa clivagem que será interpretado.

Além do banco de dados, a rede permite, de certa forma, maior reversibilidade e também uma ampliação da capacidade de vocalização de outros discursos e autores que não aqueles dominantes ou legitimados pela mídia massiva. Por reversibilidade, segundo Orlandi (1996), entende-se a relativização do lugar dos interlocutores. Não se pode fixar o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte. Diante disso, ao serem afetados pelo simbólico da língua, eles podem transpor seu lugar de origem, o que é possível observar por meio de posições de jornalista, de comunidade e até de polícia, que os sujeitos em questão (do Voz da Comunidade) assumem.

Por meio das ferramentas disponibilizadas pela *web*, como o Twitter, sujeitos que muitas vezes não tinham a oportunidade de terem suas opiniões e pontos de vista apresentados nesses meios e que, na maioria dos casos, não tinham suas versões materializadas e arquivadas para a história, têm a possibilidade de vocalização, conforme já dito anteriormente.

No auge do acontecimento histórico e midiático-discursivo da invasão do Morro do Alemão, boa parte da imprensa seguiu os relatos oficiais da operação policial na comunidade (como veremos no capítulo 6, com os *tweets* postados pelo perfil do jornal Extra). Nesse contexto, revela-se o papel do Voz da Comunidade, que traz relatos que apontam para uma outra realidade, que chega a despertar repercussão na rede.

Analisamos, dentro de uma amostragem ampla, com mais de 1.500 enunciados (ver anexos I e II), tanto os enunciados do Twitter do Jornal Extra, quanto, principalmente, o que é propriamente nosso objeto de estudo, os enunciados do Voz da Comunidade. Observamos que definimos como “enunciados”, unidades de discursos, que podem ou não ser coincidentes com unidades de texto: palavras, frases, orações, períodos ou mensagens inteiras, delimitação que será feita de acordo com o propósito do analista. No nosso caso, optamos, metodologicamente, por considerar o todo do *tweet* como o enunciado propriamente dito. Isso porque, nas postagens, referências como datas, *status* de circulação (se é postagem original ou repassada, comentada ou respondida, por exemplo), fonte e a própria mensagem compõem uma unidade discursiva, cujas partes contribuem para uma formulação de sentido.

Devido ao grande volume de enunciados publicados nesse período e pelas semelhanças entre muitos deles, optamos por selecionar determinados *tweets* que em nossa avaliação trazem novos elementos para a análise de discursos. É importante destacar que todo o conteúdo coletado pode ser verificado nos anexos I e II desta pesquisa, que traz os *posts* não por ordem cronológica, mas de relevância (já que foi o resultado que apresentou maior número de postagens após pesquisa realizada junto ao mecanismo de busca Topsy).

No decorrer da pesquisa, o sistema de buscas do Twitter não foi eficaz para a recuperação de todos os *posts* publicados pelo perfil @vozdacomunidade. Isso porque a ferramenta só permite a visualização das últimas três mil postagens e até a conclusão do trabalho, o perfil já havia atingido mais de 15 mil publicações. Além disso, devido ao lançamento de uma rede social própria - o Google+ - o sistema de buscas do Google próprio para acompanhar o material postado no Twitter, que vinha sendo satisfatório durante o início da realização do estudo (nos primeiros meses de 2010) foi desativado.

Para que o material fosse recuperado, optamos pela utilização do software de buscas Topsy. Por meio da ferramenta, foi possível recuperar 810 postagens realizadas pelos integrantes do Voz da Comunidade, incluindo retuítes, durante os dias de ocupação do Morro do Alemão e alguns dias depois - entre 27 de novembro e 5 de dezembro de 2010 (ver em Anexo I). Já em relação as postagens do perfil do Jornal Extra no Twitter, foram 591 postagens no mesmo período (ver Anexo II).

Nos primeiros *tweets* é possível perceber alguns deslocamentos discursivos que devem ser considerados, já que trazem para a discussão novas relações de sentido e poder, diferentes da observada na cobertura jornalística do acontecimento. Uma das passagens que mais chamam a atenção nos registros realizados pelos jovens do Voz da Comunidade é a utilização do termo “guerra” para se referir à ocupação/invasão do Morro do Alemão pelas forças de segurança pública do Estado.

Orlandi (2005) destaca que palavras iguais podem significar diferentemente, já que se inscrevem em formações discursivas diferentes.

É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos [...] Uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva (ORLANDI, 2005, p.44/60)

Por guerra, a partir da posição da imprensa em geral, entende-se o combate das forças de segurança aos integrantes de facções do tráfico, mas já neste

primeiro momento observamos a surpresa com que o Voz da Comunidade noticia os primeiros confrontos.

(Evc89) vozdacomunidade Voz da Comunidade
É GUERRA mesmo! Muitos tiros #vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 36

A própria surpresa, destacada na caixa alta com que foi grafada a palavra “guerra”, mostra que, para eles, pela primeira vez, ali não se tratava de uma das metáforas mais comuns, utilizadas nos meios de comunicação: “Guerra contra a corrupção”, “Guerra contra a dengue”, “Guerra contra o terrorismo” etc., e que, por vezes, vem em estado de sinonímia com “lutas”, como, pó exemplo “A luta pelos direitos”. Mas, ao mesmo tempo, não é este significante maior, que determina e direciona as coberturas sobre o combate ao tráfico armado, que parece preocupar os jovens do Voz da Comunidade. O alerta é claro:

(Evc129) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Este TT foi criado pra dar informações do que acontece na comunidade, quem só queria saber sobre a guerra, pode parar de seguir se quiser!
05/12/2010 Reply Retweet Favorite 16

Está subentendida a crítica àqueles que, como leitores comuns, procuram nos veículos tradicionais, o espetáculo da guerra. O Voz da Comunidade projeta-se, então, como um veículo de prestação de serviços para a comunidade e acerca da comunidade, como um arquivo onde se pode buscar informações diferenciadas, como voz daqueles que estão vivenciando a experiência do lado de dentro.

(Evc362) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Antes desta guerra no alemão, o complexo não ouvia tiros faziam 3 ou 4 anos! Sabia @AqueleRyan ???
09/12/2010 Reply Retweet Favorite 21

Se a antonímia “paz e guerra” para os veículos tradicionais estava condicionada à “derrota” definitiva do tráfico (como na designação institucionalizada “pacificação”, que ganhará os arquivos oficiais, a partir de relatórios, documentos e matérias jornalísticas), no Voz da Comunidade, há um claro deslocamento deste sentido. A guerra é associada diretamente à invasão do alemão. Não porque não houvesse problemas na comunidade, mas para os jovens do Voz a “guerra”, pelo menos neste momento, são os tiros, são as ações de incursão policial. Ao dizer que há alguns anos não se ouviam tiros, os jovens praticamente denunciam: “havia paz antes”, ainda que temerária, como se pode observar nos *tweets* seguintes.

Nas sentenças acima, o termo “guerra” remete, de forma diferenciada, à memória discursiva dos integrantes do @vozdacomunidade. Segundo Mariani (1996), a memória discursiva faz parte de um processo histórico, que resulta de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. Ao designar um acontecimento, os sujeitos fazem emergir uma memória do dizer, característica de determinadas posições discursivas. O ato da designação tem a ver, portanto, não como uma ação referencial neutra, mas está inserido na própria historicidade da língua, conforme praticada por diferentes sujeitos.

Para Orlandi (2001) o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso²³, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos. Dessa forma, os sentidos são sempre referidos a outros sentidos, e é daí que tiram sua identidade (ORLANDI, 2001, p.31)

É interessante observar nos enunciados acima a preocupação dos jovens em explicar aos que passaram a seguir o perfil apenas para acompanhar a movimentação na comunidade durante os dias de ocupação/invasão que aquela situação vivenciada era algo extraordinário na rotina da comunidade, como é possível observar no Evc362.

A necessidade de dizer a real função do Twitter do grupo coincide com o fim dos dias de tensão vividos pelos moradores da comunidade e também com a redução do número de seguidores do perfil no período, que havia chegado a 26 mil no dia 29 de novembro de 2010. Não encontramos registros que apontassem o número

²³ O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: É preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, separe na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentidos “minhas” palavras. (Cf. Orlandi, 2005)

exato de seguidores após a invasão. Diante disso, os jovens se posicionam, questionando os seguidores que acompanhavam o perfil apenas para saber sobre os acontecimentos durante o período de ocupação do Alemão: “quem só queria saber sobre a guerra, pode parar de seguir se quiser!”

A queda de seguidores após o sucesso meteórico dos jovens - característica que é própria das redes - também são interpretadas por eles, que trazem à tona as diferentes posições que assumem no discurso.

Nos enunciados pode-se notar que os jovens estimulam o crescimento dos seguidores, como veremos no próximo capítulo com expressões como “Estamos em 4o lugar no TTbr! (Evc176)” e “vamos manter o #vozdacomunidade no TTbr (Evc444)”, e divulgam esse aumento. Porém, também se mostram decepcionados quando o resultado ocorre no sentido inverso. “As pessoas gostam muito de ouvir tiroteios...nao querem paz...(Evc389)”

A desconfiança de que boa parte dos seguidores só acompanhava o perfil @vozdacomunidade devido ao momento de insegurança pelo qual os cidadãos do Rio de Janeiro estavam passando, ou pelo próprio espetáculo da ação policial, é outra marca que se faz presente nos discursos dos jovens:

(Evc396) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Tinhemos 180 sabado RT @EleniRosa @vozdacomunidade Qual o número de seguidores no twitter que vcs tinham antes de td ocorrer no Complexo?
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 15

(Evc198) vozdacomunidade Voz da Comunidade
O Jornal VOZ DA COMUNIDADE foi criado com objetivo de ajudar moradores da comunidade a resolverem problemas sociais e necessidades daqui.
05/12/2010 Reply Retweet Favorite 10

(Evc389) vozdacomunidade Voz da Comunidade
As pessoas gostam muito de ouvir tiroteios...nao querem paz...olha como diminuiu o número de seguidores por conta do que acabou.
06/12/2010 Reply Retweet Favorite 51

Neste *tweet*, especialmente, observa-se o apagamento da referência à invasão do Morro. Se, num primeiro, momento isto pode se dever à escrita absolutamente sintética possibilitada por essa rede, por outro, pode ser um indício do sentido de redução da importância da ação policial, propriamente dita, do acontecimento em que se transformou aquilo que para o Voz da Comunidade, talvez, fosse uma experiência menos espetacular. De certa forma, toda a mídia reduziu seu interesse pela comunidade algumas semanas depois que o acontecimento “invasão do morro” não frequentou mais as manchetes e os telejornais. Mas é interessante observar o modo como neste espaço, o do Voz da Comunidade, há a possibilidade da queixa por este desinteresse, e há ainda a possibilidade de silenciar aquilo que, no entanto, era o próprio motivo da cobertura enfática da imprensa.

(Evc169) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Quando acabar esta operação e a comunidade ficar tranquila, vocês vão continuar seguindo o perfil do Jornal pra saber o que acontece aqui?
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 11

Os atos de linguagem, como denunciar, queixar-se, indagar, questionar, entre outros, dão-se, discursivamente, dentro da dinâmica das relações imaginárias entre interlocutores – o que será mais explorado no próximo subcapítulo. Neste caso, evidencia-se a posição a que se autorizam os jovens de questionarem os interlocutores na rede. Autoridade conquistada ao longo de meses em que a “audiência” sai de poucas centenas para milhares de seguidores. Neste caso, especificamente, o “vocês” designa aquele que está fora da comunidade, aquele que, provavelmente, não se interessa pelos problemas da comunidade e pelos interesses “dali”.

Há um deslizamento incessante dessa forma como se referem a seus seguidores. Em cada momento, palavras como “vocês” podem se referir aos próprios moradores, como também àqueles que aderiram ao Twitter por ocasião da invasão do Morro. O modo como analiticamente isto deve ser definido depende evidentemente de um acompanhamento atento a cada enunciado, que, ao longo das postagens, vai definindo uma textualidade cada vez mais complexa. De certa forma, esta textualidade é estruturalmente aberta, visto que é possível a cada novo enunciado ser ressignificada, tanto quanto, em cada ressignificação, são ressignificados os próprios enunciados. Neste

caso, mais do que apelar para o conceito de contexto, precisamos analisar de que maneira estes enunciados se configuram e se reconfiguram uns em relação a outros.

Se postos lado a lado, os dois enunciados anteriores (Evc389 e Evc169) apontam para o sentido crítico em relação ao leitor: o segundo *post* perde o caráter de indagação para adquirir o sentido de questionamento, provocação, atos de linguagem, que só podem ser percebidos no processo discursivo.

Mas, mesmo o Voz da Comunidade, não conseguiu escapar do acontecimento midiático em que se configurou a invasão do Morro, mesmo que por motivos diversos daqueles da grande audiência. Durante a ocupação, os temas mais recorrentes nas postagens ocorridas são as narrações de tiroteios ocorridos dentro da comunidade. Mas, nesses momentos, pode-se perceber nas postagens dos jovens outro deslocamento, a partir da forma como materializam no texto seus sentimentos de medo, tensão e euforia, que são marcas típicas de moradores que se preocupam com suas comunidades. A impessoalidade e distanciamento que adotam em alguns *posts* são deixados de lado nesses momentos:

(Evc23) vozdacomunidade Voz da Comunidade
21:52 - Tiroteio agora no Complexo do Alemão!!!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 67

O advérbio “agora” aparece como esta marca discursiva em que se estabelece um diálogo – como também veremos mais à frente – com as exigências jornalísticas de “furo” e “instantaneidade”. Ou seja, a marca linguística sobre o texto, remete a enunciados próprios de um outro discurso, que tem valor constitutivo sobre a voz dos jovens. Na superfície discursiva, no intradiscurso, ou na textualidade, ressoam vozes que, de uma maneira ou de outra, opera a identificação dos jovens com uma rede de sentidos midiáticos, com relações aproximadas à interlocução própria entre mídia e público.

(Evc42) vozdacomunidade Voz da Comunidade
“Moradores e crianças em meio ao fogo-cruzado”.
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 5

Ao longo da análise, chamaremos a atenção para a ambiguidade inerente ao processo discursivo, em que os jovens do Voz da Comunidade, se inscrevem. De um lado, uma resistência a aderir àquilo mesmo que o “asfalto” espera: o espetáculo da invasão, a expectativa do que pode parecer mais dramático numa operação como esta. Do outro, a própria concessão à linguagem espetacular própria da cobertura dos jornais e dos meios eletrônicos. Esta ambiguidade, esta oscilação entre aproximação e distanciamento do discurso de mídia, materializa-se tanto nos questionamentos e provocações como as feitas nas mensagens sobre a frágil fidelidade do público, quanto nas quase manchetes constituídas no Twitter: “Moradores e crianças em meio ao fogo-cruzado”.

(Evc55) vozdacomunidade Voz da Comunidade
iiii caraca!! Metralhadora? Putz! mtooo tiroo
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 50

(Evc43) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Muitoos tiros neste momento...tá complicado!!!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 54

(Evc232) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Fregueses dos bares da comunidade se abaixaram com medo de bala
perdida! Vai pra casa gente!!!#PaznoRio
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 19

(Evc5) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Tiroteio agora ! 01:11
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 56

(Evc2) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Muitas RAJADAS!!!!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 64

(Evc101) vozdacomunidade Voz da Comunidade
06:50 Intenso tiroteio neste momento no complexo do alemão gente!!!!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 26

(Evc41) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Tiroteio intenso agora no sentido Morro do Adeus!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 16

(Evc47) vozdacomunidade Voz da Comunidade
E o tiroteio recomeça no Complexo do Alemão!!!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 12

(Evc99) vozdacomunidade Voz da Comunidade
O tiroteio nao para aqui no Complexo do Alemao!!! a bala tá comendo !
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 18

Mesmo guardando características aparentemente muito semelhantes entre si, optamos por demonstrar a repetição nos enunciados acima para identificar as diferenças que apresentam. Nesse contexto, trabalhamos com a forma de repetição histórica, que é a que, segundo Orlandi, desloca e permite o movimento porque historiciza o sujeito e o dizer. “Faz fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper o já estabelecido” (ORLANDI, 2005, p.54). A repetição, ainda conforme a autora, movimenta-se entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia, num espaço tensionado pelas relações de poder.

Como afirmamos, nas primeiras ocorrências de tiroteio, os jovens apresentam-se inscritos num discurso próprio às mídias, ao jornalismo, quase espetacular, (como “21:52 - Tiroteio agora ...” e “Moradores e crianças em meio ao fogo-cruzado”). Em seguida, porém, circunstâncias de enunciação os chamam para a realidade de que participam como personagens mais do que como observadores. Desidentificam-se com o discurso jornalístico, e posicionam-se em outra formação discursiva, própria a quem está sob o fogo cruzado que antes noticiavam. Abandonam-se os protocolos do texto jornalístico, assume-se uma textualidade com marcas do falar cotidiano, entre pares, desinstitucionalizadas: “iiii caraca!! Metralhadora?” e “Muitoos tiros neste momento...tá complicado!!!”.

Nessa sequência de enunciados, gostaríamos de nos deter especialmente em uma mensagem: “Fregueses dos bares da comunidade se abaixaram com medo de bala perdida! Vai pra casa gente!!!#PaznoRio”. Há aqui um relato quase noticioso, na primeira sentença antes da exclamação única. Logo depois, no entanto, mostra-se a voz solidária, a voz comunitária. Em um único *tweet*, manifesta-se a heterogeneidade e a duplicidade dos discursos com os quais se identificam os jovens. Exemplos como estes podem ser encontrados nos próximos *posts*. Ao mesmo tempo em que relatam as ocorrências de tiros, fazem questão de destacar os momentos de tranquilidade vividos na comunidade, o fim dos tiros e o retorno à situação anterior no Complexo do Alemão. “Parece que tudo voltou ao normal e melhor agora!”

(Evc342) vozdacomunidade Voz da Comunidade
21:35 - tudo calmo neste momento
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 23

(Evc48) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Neste momento está tudo calmo! Até qualquer hora!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 12

(Evc76) vozdacomunidade Voz da Comunidade
12:25 - Comunidade está calma! Parece que tudo voltou ao normal e melhor agora!
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 24

(Evc96) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Ouço o "ronco" da comunidade, tamanho o silêncio numa sexta-feira as 01:38!
03/12/2010 Reply Retweet Favorite 15

A primeira pessoa aparece na calmaria do acontecimento discursivo. No silêncio permitido pelos intervalos do conflito, é a voz íntima do morador que significa o cotidiano da comunidade, produzindo um arquivo incomum de falas extemporâneas à realidade da mídia. O tempo do discurso é outro: não urgente e instantâneo, mas sugerindo o que a comunidade seria sem a invasão de câmeras e metralhadoras policiais.

É evidente que este momento contrasta, em sentido, com aquilo que é concebido, como se diz no Rio, no asfalto. Não há paz ou calma com um tráfico de armas pesadas, e ações autoritárias. Mas a referência mobilizada no *tweet* em questão não tem a ver com tempos outros, que não aqueles vividos na experiência da invasão. O silêncio é intercalar, até que no dia seguinte novos acontecimentos possam perturbar a trégua há pouco conquistada.

(Evc65) vozdacomunidade Voz da Comunidade
A comunidade está calma demais. A galera não está como antes...
09/12/2010 Reply Retweet Favorite 16

A “calmaria” não é notícia nos meios de comunicação. Mas é tema de insistentes considerações por parte dos jovens do Voz da Comunidade, muitas vezes de maneira jocosa.

(Evc209) vozdacomunidade Voz da Comunidade
23:53 - Neste momento a comunidade ouve o barulho apenas dos grilos!
#vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 56

(Evc175) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Pelo menos a pizzaria está aberta hoje! E ainda lotada!!! Liguei agora pra pedir uma pizza e disseram que o telefone não para de tocar!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 36

(Evc485) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Sim! Quem quiser tb, pode vim! RT @anakarneiro: @vozdacomunidade é verdade que muitos turistas estão indo visitar a comunidade??
05/12/2010 Reply Retweet Favorite 8

Se o bom humor frequenta o texto dos *tweets*, em momentos de calma, é a tensão entre dizer e não dizer, que marca boa parte da cobertura. Apesar de gozarem de uma relativa “liberdade” para denunciar excessos cometidos pela polícia na

comunidade, colaboradores do perfil @vozdacomunidade voltam atrás em determinados posicionamentos. Não temos o objetivo de investigar o que os levou a negarem o dito anteriormente. Porém, o crescimento do número de seguidores e a configuração do veículo como legitimado pelos cariocas/brasileiros e pela imprensa em geral, ocasiona alguns deslizamentos, de um sujeito plenamente comprometido com a voz e o olhar da comunidade, para um sujeito, agora, que compartilha sentidos com o restante da cidade, como é possível observar nos *posts* a seguir:

(Evc260) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Acabei de confirmar num telefonema que moradores estão sem espancados, estao quebrando casas#vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 278

(Evc177) vozdacomunidade Voz da Comunidade
É verdade! Acabei de entrar em contato uma galera que está dentro da comunidade neste momento! Estao batendo em moradores #vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 166

(Evc33) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Chegando muitas mensagens de moradores falando que estão sendo espancados no complexo! (enviado por@JJAfroReggae)
#Vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 198

(Evc162) vozdacomunidade Voz da Comunidade
O @JJAfroReggae acabou de falar no twitter que moradores estão enviando mensagem pro celular dele agora dizendo que estao sendo espancados!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 246

Em um primeiro momento, as sentenças apontam para um gesto de denúncia por parte do sujeito, que assume para si a autoria do fato narrado, preocupando-se apenas em explicar que a informação havia sido “confirmada num telefonema”. Ao apontar para a presença de um “gesto de interpretação” (ORLANDI, 2005) torna-se necessário conceituá-lo. Segundo Orlandi, toda interpretação constitui-se como ato discursivo, com repercussões na realidade simbolizada e que o corpo do falante está

inscrita neste ato. No caso, o autor publica o acontecimento possivelmente baseado em experiências anteriores vividas no Morro do Alemão.

Outra característica que pode ser observada no primeiro e no segundo enunciado desta série é a utilização do verbo na terceira pessoa do plural para a caracterização do sujeito indeterminado (que, na gramática é aquele que, embora existindo, não se pode determinar pelo contexto ou pela terminação do verbo). Ao utilizar o termo “estao quebrando casas” ou “estao batendo em moradores” o sujeito não informa quem são as pessoas que estão praticando os delitos (espancamento e quebraadeiras).

Porém, é interessante observar o recurso “É verdade”, utilizado na abertura do segundo *post*, em uma alusão ao trabalho realizado pelo jornal Extra, por meio de seu perfil no Twitter @casosdepolicia, com o par de hashtags #eboato e #everdade.

Posteriormente, dada a repercussão do primeiro *tweet* (que foi retuitado 278 vezes por usuários da rede social), o Voz confirma outros relatos recebidos por moradores da comunidade, porém, transfere parte da autoria dos relatos a um apoiador do grupo, José Júnior, do grupo JAfroReggae, ao citar “enviado por @JJAfroReggae” no espaço.

No *post* seguinte, já não é assumida a responsabilidade pelo dito, como podemos observar na expressão “O @JJAfroReggae acabou de falar no twitter”, em uma tentativa de se cercar de cuidados e atribuir a autoria das informações repassadas, caso a denúncia apresentada não seja verídica.

Em seguida os membros do Voz da Comunidade optam por explicitar que não sabem quem está espancando ou quais as pessoas responsáveis pela destruição das casas, como pode ser observado nas postagens abaixo:

(Evc171) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Nao sabemos se são policiais que estão espancando! Mais informações:
Sigam @JJAfroReggae que está twittando a todo momento !!!!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 55

(Evc64) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Sr @JJAfroReggae o pessoal está dizendo que são policiais!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 79

(Evc80) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @MST_Oficial: DENÚNCIA CONTRA A POLÍCIA RT
@vozdacomunidade Há moradores que estão sendo espancados realmente!
Estão quebrando casas!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 41

No primeiro anunciado, o @vozdacomunidade afirma não saber “se são policiais que estão espancando” na clara intenção de se eximir da responsabilidade em relação aos acontecimentos narrados no início. No entanto, para não perder a legitimidade conquistada durante o acompanhamento da ocupação do Morro do Alemão (com a rápida conquista de seguidores, como veremos no próximo subcapítulo), transfere a responsabilidade de narrar esse acontecimento para o coordenador executivo do grupo AfroReggae, José Júnior, e um dos apoiadores do @vozdacomunidade: “Sigam @JJAfroReggae que está twittando a todo momento !!!!” Posteriormente, o perfil promove um diálogo público²⁴ com @JJAfroReggae, atribuindo a denúncia a moradores (“o pessoal está dizendo”).

No terceiro *tweet* desta série, o @vozdacomunidade retuita um post encaminhado pelo perfil @MST_Oficial, que ressignifica o conteúdo publicado anteriormente pelo @vozdacomunidade. Na postagem, o MST atribui ao “Voz” a denúncia de que policiais estavam espancando moradores e quebrando casas.

Porém, no conjunto de regras convencionadas a partir do uso da rede social Twitter, o *retweet* sem comentários anteriores, é utilizado quando se concorda com o post publicado por um perfil.

Tal “norma” própria da ferramenta chegou a ser inclusive alvo de problemas para a então pré-candidata à presidência do Brasil pelo Partido Verde (PV), Marina Silva. Em 18 de junho de 2010, a presidenciável havia publicado em sua timeline, diante da morte do escritor português José Saramago: “Morre José Saramago. O mundo perde um grande escritor, e os países da língua portuguesa, o nosso primeiro prêmio Nobel”. Em seguida, ela retuitou o comentário de dois internautas que criticavam a postura de Saramago com relação a Deus e a religião. “Como podemos lamentar a morte de uma pessoa que blasfemou contra Deus a vida toda?”, dizia um deles. O outro

²⁴ Um dos recursos que permite a conversa entre perfis no Twitter é a mensagem direta, utilizada quando os usuários não querem tornar aquela discussão pública. Diferentemente da @resposta e da menção, a mensagem é privada e apenas o destinatário tem acesso a seu conteúdo. Somente os seguidores do perfil podem enviar uma mensagem direta.

internauta escreveu: “Grande escritor é muito subjetivo. Alguém que não respeita a fé alheia não é exatamente um grande escritor”.

Diante da polêmica e repercussão do ocorrido, a então pré-candidata divulgou nota em seu site informando que aqueles comentários de internautas republicados não significavam que ela candidata endossava as opiniões, mas que apenas queria contextualizar os fatos para poder responder a eles, o que de fato acabou fazendo.

Na ocasião, havia respondido ao primeiro “A vida é um dom dado por Deus para quem crê e para quem não crê. Louvado seja Deus”. Ao segundo, escreveu: “Mas o que aprendemos com Jesus é que temos que amar e respeitar todas as pessoas, mesmo as que não respeitam a nossa fé”.

Retomando o caso do tweet do MST, o @vozdacomunidade, após retuitar o comentário do perfil oficial do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, escreveu em seguida:

(Evc290) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Quero ressaltar que NÃO FIZEMOS NENHUMA DENÚNCIA sobre agressões no Alemão! #vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 30

(Evc494) vozdacomunidade Voz da Comunidade
O papel no TT do #Vozdacomunidade é INFORMAR em real time não DENUNCIAR! Pra isso existe o Disque-Denúncia.
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 20

Nesse caso, é possível perceber, em relação à primeira postagem, que se trata de uma resposta ao *tweet* anterior, que, como no caso de Marina Silva, parece ter sido utilizado para ser contextualizado com uma mensagem explicativa posteriormente. Também pode ser considerada curiosa a advertência da equipe da Voz da Comunidade, para que sua atuação não seja confundida com a de “delatores” de práticas policiais. No *tweet* seguinte, confirmam esse posicionamento e apontam o Disque-Denúncia como alternativa para aqueles que esperavam que o “Voz” pudesse servir também como ferramenta de denúncia para os moradores da comunidade.

Seria especulação fazer qualquer afirmação sobre os motivos que levaram os jovens do @vozdacomunidade a alertar para o fato de que estavam ali para informar

e não para denunciar. Porém, observa-se nas sentenças anteriores que, na própria negação, reafirmam o risco que a operação também oferecia à comunidade. Em entrevista dada posteriormente, em abril de 2011, à Revista Meio e Mensagem (Anexo III), Rene Silva verbalizou esse receio, não dito de forma tão direta nas postagens do @vozdacomunidade “Tive medo, às vezes, de que traficantes pudessem entender da maneira errada o modo com que eu estava divulgando os acontecimentos da comunidade” (SILVA, 2011, online).

Mesmo escrito em datas diferentes à polêmica da denúncia, tal receio pode ser comprovado pelas seguintes postagens:

(Evc299) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Eu moro numa casa mais em baixo na comunidade, resolvi dormir na casa da minha avó que parece ser mais seguro e tem muitas casas na frente
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 6

(Evc107) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Eu estou dentro de casa, no último como, em frente da minha casa há uma igreja, estou protegido!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 13

(Evc334) vozdacomunidade Voz da Comunidade
O @IgorComunidade está dentro de casa também, ele mora em uma rua em frente a rua que estava mostrando na Globo. #PaznoRio
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 7

(Evc245) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Nóis estamos todos dentro de casa!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 5

O medo e tensão vividos pelos jovens do @vozdacomunidade podem ser comprovados pelos relatos acima, nos quais fazem questão de informar aos seguidores que conseguirão passar a noite em segurança. No entanto, acabam por expor suas localizações aos usuários e chegam a ser repreendidos por seguidores do perfil.

(Evc273) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @muriloribeiro: @vozdacomunidade Acho que vocês não deviam dar detalhes da localização de vocês. Não precisam se expor assim, pode ser perigoso...
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 12

(Evc142) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Tem muitas perguntas que vocês fazem, que não podemos responder. Nós nos preocupamos com a nossa segurança!
03/12/2010 Reply Retweet Favorite 7

Ao afirmarem que não podem responder a todas as perguntas devido à preocupação com a segurança, o perfil @vozdacomunidade evidencia a autocensura, ou a prática discursiva do silenciamento. Segundo Orlandi, “o silenciamento diz, significa; portanto, ainda que imaterializado no texto, produz sentidos, promove discursos, ratificando ideologias” (ORLANDI, 1993, p.63). Ainda de acordo com a linguista, o silenciamento de uma questão é o indício de alguns dizeres que, não ditos, se expressam. “Ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2005, p. 82).

Ao informar que não podem responder, os jovens deixam clara a ideia de que sabem de coisas que não podem ser ditas, pelo menos nesse espaço, que é visível e acessível a todos os usuários de internet²⁵. Ou seja, têm a possibilidade de vocalização, porém, não fazem uso dela, devido ao receio de terem sua segurança colocada em xeque.

Outro posicionamento que pode ser observado por meio dos enunciados analisados é o distanciamento dos jovens de Voz da Comunidade em relação às pessoas que estavam sendo presas durante a operação e as que estavam se entregando espontaneamente.

(Evc145) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Acabaram de prender o traficante que matou o Jornalista TIM LOPES! O zeu!!!! #vozdacomunidade

²⁵ As mensagens postadas pelo perfil do @vozdacomunidade são acessíveis a todos que possuam internet, mesmo que não sejam usuários da rede social Twitter, pois o Voz da Comunidade não impõe restrições de leitura ao ser publicado.

28/11/2010 Reply Retweet Favorite 346

(Evc15) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Traficante "mr. M" acaba de se entregar no alemão!!!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 30

(Evc248) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Homem foi preso há uma hora, no Alemão. No braço esquerdo do preso é possível ler o nome 'Fernandinho Bera Mar' #vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 48

(Evc124) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Bandidos estão se entregando espontaneamente na rua Joaquim de Queiroz!
(via @JJAfroReggae).
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 13

(Evc204) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Uma casa de traficantes foi encontrada no alto do Complexo do alemão ! A casa é muito grande e tem até piscina! #vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 72

No entanto, ao mesmo tempo em que se posicionam a favor dos policiais, muitas vezes apoiando a forma como vêm agindo no combate ao tráfico, o @vozdacomunidade denuncia possíveis “excessos” cometidos pelas forças de segurança pública aos membros da comunidade e a indiferenciação entre “bandidos” e “pessoas de bem da comunidade”, como pode ser observado nos relatos de “revista” realizada por policiais em todos os moradores, indiscriminadamente:

(Evc302) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Forças armadas assumem o Controle no Complexo do Alemão
#Vozdacomunidade #PaznoRio
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 52

(Evc320) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT@IgorComunidade: comandante da bope faz questao de apertar a mão dos moradores da grota e dizer:boa tarde, nos vinemos para ficar!!!#vozdacomunidade
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 111

(Evc224) vozdacomunidade Voz da Comunidade
11:49 - Moradores estão sendo revistados por policiais em toda parte do Complexo do Alemão!!!#vozdacomunidade
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 65

(Evc604) vozdacomunidade Voz da Comunidade
15:53 - estão revistando moradores que sobem a comunidade!
#vozdacomunidade <http://twitpic.com/3bdy7u>
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 33



(Figura 3)

(Evc259) vozdacomunidade Voz da Comunidade
#Retuite!!! 16:29 - Nem grilos passam sem ser revistados nas proximidades do Complexo do Alemão!#VozdaComunidade (via @igorcomunidade).
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 79

Entre as postagens voltadas para o público externo, que acompanhava as movimentações durante a ocupação do Alemão, os jovens também mobilizam a comunidade internamente por meio do Twitter, promovendo eventos, orientando e mobilizando a comunidade, na tentativa de que os pedidos feitos internamente ganhassem maior repercussão ao serem divulgados no *microblog*, que ganhava novos seguidores a cada momento.

(Evc382) vozdacomunidade Voz da Comunidade

ATENÇÃO!!! RT @guiblanc @vozdacomunidade Alvorada não tem Luz,
estou vendo da minha casa tudo escuro la em cima !
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 21

(Evc17) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Cadê a água bombeiros?
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 8

(Evc218) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Moradores da alvorada estão sem energia elétrica e fizeram um "Sopão"
ontem na comunidade#vozdacomunidade
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 19

(Evc359) vozdacomunidade Voz da Comunidade
20:17 - Sem luz em boa parte do complexo do Alemão
<http://twitpic.com/3bpstd>
30/11/2010 Reply Retweet Favorite 17



(Figura 4)

(Evc429) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Moradores do Complexo do Alemão pediram pra voltar uma dentista que
tinha sido transferida do PSF pra outra unidade. A dentista voltou! :-)
02/12/2010 Reply Retweet Favorite 37

(Evc533) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Voz das comunidades! RT @zagojr @vozdacomunidade RT @EliphazLev:
Podem me ajudar? Pavuna nao tem luz ha 2 horas! Retuitem por gentileza.
05/12/2010 Reply Retweet Favorite 49

Os membros do @vozdacomunidade também se colocam como alternativa à mídia tradicional e questionam aqueles que não acreditam que o conteúdo é produzido pelos próprios jovens.

(Evc772) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Viva a mídia alternativa!
08/12/2010 Reply Retweet Favorite 17

(Evc400) vozdacomunidade Voz da Comunidade
MENTIRA!!! RT @butecodoedu Posso apostar que TODAS as tuitadas do @vozdacomunidade não são de autoria da "garotada". Tem gente dirigindo.
04/12/2010 Reply Retweet Favorite 8

(Evc328) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Sr @butecodoedu, se não acredita na nossa equipe, então venha nos visitar!!! Temos história na comunidade há 5 anos, não começou agora viu?
04/12/2010 Reply Retweet Favorite 8

Os membros do @vozdacomunidade também narram o momento pré-invasão e repassam à população orientações da polícia. É interessante observar que os jovens falam a partir de um discurso diferenciado em relação à mídia tradicional, que designa a ação policial e militar como “ocupação”. Para os jovens, a ação tem o sentido de “invasão”:

(Evc19) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Nao temos informações de que a invasão começou ainda!!!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 28

(Evc81) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Gente! A invasao nao aconteceu !!! Espalhem ai por favor, toda hora vem gente perguntando!!! :-)
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 92

(Evc216) vozdacomunidade Voz da Comunidade

Exato! Não houve nenhuma invasão até o momento e nem é possível ouvir tiros do Complexo do Alemão#vozdacomunidade
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 45

(Evc266) vozdacomunidade Voz da Comunidade
nao! eles continuam no exterior da comunidade RT @ferreira_elis @vozdacomunidade a polícia está invadindo?
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 18

(Evc424) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Atenção!!! RT @luizbacci: Moradores do Complexo do Alemão e entornos - evitem sair de casa nas próximas horas. É um pedido da polícia.
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 38

(Evc301) vozdacomunidade Voz da Comunidade
cada entrada do complexo vive situações diferentes. as 8 hrs prov startará tudo. (envio por @jjafroreggae).
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 10

Entre repetições e deslocamentos, fica evidenciado pelos *tweets* analisados neste subcapítulo, que há outra memória discursiva em jogo e que, de certa forma, o arquivo produzido pelos jovens materializa outros sentidos sobre a ação policial, e a dinâmica das relações entre moradores, o tráfico e a polícia. Não se pode esperar, no entanto, que estas posições discursivas sejam deliberadamente antagônicas aos discursos hegemônicos dos meios tradicionais, até porque, ao falar de meios tradicionais ou da grande mídia, referimo-nos a uma complexa rede de veículos com posições nem sempre coincidentes. Da mesma forma, não há como silenciar as relações interdiscursivas, visto que os sentidos produzidos pelo sujeito, e com os quais ele se identifica e nos quais ele se constitui, estão sempre “em relação a”: em relação ao outro, que neste caso, sob o recorte de nossa análise, é o outro da mídia. Este outro discursivo do Voz da Comunidade é um espaço de produção de consensos, e de referenciais de sentido relevante em sociedades como a nossa.

O processo discursivo analisado mostra que os deslocamentos, as oposições são entremeadas com recuos, reconsiderações, próprias às relações interdiscursivas, mas que acontecem mais enfaticamente, no entanto, no caso estudado, por conta de ser o Voz da

Comunidade um espaço alternativo dentro das relações midiáticas de poder – o que observaremos com mais cuidado no próximo subcapítulo.

Importa, neste momento, no entanto, que consideremos que o processo discursivo permite detectar vocalizações de sentido, muitas vezes silenciado, próprias a quem vivencia o acontecimento “do outro lado”. Vocalizações estas que registradas em rede, produzem novos arquivos, dissonantes, de certa forma, dos arquivos institucionalizados e oficiais.

5.3. Formações imaginárias: as relações com a imprensa

Como se afirmou mais acima, não há discurso que não se relacione com outros. E todo discurso, conforme Orlandi (2005), é visto como um estado de um processo mais amplo, contínuo. Nos enunciados que foram selecionados e apresentaremos abaixo, essa relação do sujeito com o outro fica mais evidente. Os autores colocam-se em lugar privilegiado para “informar” o que está acontecendo no Morro do Alemão e travam uma relação de forças com a mídia de massa. Nos enunciados, eles deixam claro que estão em lugar não ocupado pela imprensa e que possuem uma visão sobre os fatos que muitas vezes os veículos não alcançam.

Porém, em seus discursos, apresentam uma dupla inscrição: ao mesmo tempo em que se colocam como sujeitos da comunidade, posicionam-se a partir de um discurso jornalístico, o que produz conflitos de sentidos em determinados momentos. Segundo Orlandi (2005), o “lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. E a dualidade no lugar de fala desse sujeito (jornalista/membro da comunidade) se faz presente a todo o momento no discurso dos jovens.

A partir do conceito lacaniano de imaginário, Pêcheux (1975) define que as formações imaginárias sempre resultam de processos discursivos anteriores. Elas manifestam-se, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Nesse contexto, é interessante destacar o mecanismo de antecipação, que tem forte presença nos discursos do @vozdacomunidade. Tal recurso pressupõe que todo sujeito tem a capacidade de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras.

Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação de tal forma que o sujeito

dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa em produzir em seu ouvinte (ORLANDI, 2005, p. 39).

Na antecipação, os interlocutores projetam representações imaginárias um sobre o outro, e, a partir dela, estabelecem suas estratégias enunciativas. Um dos traços mais marcantes nos enunciados do Voz da Comunidade, contudo, é a indefinição de quem é esse interlocutor, ou seja, quem é o destinatário final das mensagens que estão sendo postadas.

O lugar de onde fala o sujeito determina as relações de força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há discurso que não se relacione com outros. O que ocorre é um jogo de imagens: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já-ditos com os possíveis e imaginados.

Conforme Orlandi (2005), as condições de produção implicam o que é material, o que é institucional e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. As formações imaginárias, enquanto mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções.

De acordo com Pêcheux (1990), um discurso pressupõe a presença de um sujeito A e um destinatário B, que se posicionam em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Tais lugares, contudo, podem ser transformados, são cambiáveis. Diante disso, um discurso não implica necessariamente uma simples troca de informações entre A e B, mas sim um jogo de “efeitos de sentido” entre os participantes. Os sentidos são produzidos por determinado imaginário, que é social e é, por sua vez, resultado das relações entre poder e sentidos, o que fica muito claro nos enunciados do Voz da Comunidade, como veremos mais à frente.

Ainda conforme o autor, na relação discursiva, são as imagens de que constituem as diferentes posições. Tais relações foram esquematizadas por Pêcheux, no na Figura 4.

| Expressão que designa as formações imaginárias | Significação da expressão | Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente |
|--|---|---|
| A { I _a (A) | Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A | "Quem sou eu para lhe falar assim?" |
| B { I _a (A) | Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A | "Quem é ele para que eu lhe fale assim?" |
| A { I _b (B) | Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B | "Quem sou eu para que ele me fale assim?" |
| B { I _b (B) | Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B | "Quem é ele para que me fale assim?" |

Adaptado de Pêcheux (1990, pp.82-83)
(Figura 4)

Ainda segundo Orlandi (2001), o lugar do autor é determinado pelo lugar da interpretação. "O efeito-leitor representa, para o autor, sua exterioridade constitutiva (ORLANDI, 2001, p.75). Toda a prática discursiva trabalha, então, para que o efeito de sentido constituído produza a ilusão de um sentido único. Por isso, tem-se a ilusão de que os sujeitos são a fonte do sentido e de que têm domínio do que dizem.

Nos mecanismos de toda formação social há regras de projeção responsáveis por estabelecer as relações entre as situações discursivas e as posições dos diferentes participantes. As relações imaginárias podem ser, portanto, consideradas como a maneira pela qual a posição dos participantes do discurso intervém nas condições de produção do discurso.

Também é importante destacar que, no momento em que se converte em autor, o sujeito da enunciação sofre um apagamento no discurso, dividindo-se em diversas posições-sujeito. Assim, o autor é que assume a função social de organizar e assinar uma determinada produção escrita, conferindo-lhe uma aparência de unidade.

Nas postagens que analisaremos a seguir, as relações que os membros do Voz da Comunidade estabelecem com a imprensa ficam muito evidentes, sobretudo a partir do momento que o número de seguidores do perfil cresce e que eles começam a ser chamados a contribuir para as coberturas jornalísticas.

Já afirmamos mais acima que os autores vocalizam a importância de terem suas falas repercutidas nos meios de comunicação. Tal necessidade de legitimação dos conteúdos produzidos na rede foi tema de estudo da pesquisadora Raquel Recuero, que analisou, no Twitter, o impacto das notícias sobre os atentados que aconteceram em Oslo, na Noruega, em julho de 2011 e a morte da cantora Amy Winehouse, na mesma semana. Uma das conclusões apontadas no trabalho é o fato de que o jornalismo continua a deter o “lugar de fala”, quando se busca credibilidade. “As redes sociais na internet, apesar de todo o potencial colaborativo de produção de informação continuam dando ao jornalismo a credibilidade e construindo uma função de legitimação das notícias” (RECUERO, 2011, p.3).

Recuero também aponta o caminho inverso: os veículos ou jornalistas em geral, legitimando e tornando visíveis alguns perfis da rede.

Há uma série de novas funções emergentes concedidas aos veículos jornalísticos, que de um modo geral, muito se assemelham à mídia de massa, tais como credibilidade, legitimação, filtragem e hierarquização. Entretanto, essas funções parecem ser muito mais diretamente negociadas com a rede social, que, em troca, concede aos veículos jornalísticos visibilidade, reputação e mesmo, credibilidade, tornando-os visíveis também a seus seguidores (RECUERO, 2011, p.16).

Tal procedimento é bastante reforçado nos enunciados do Voz da Comunidade. Como se não bastasse os jovens serem retuitados por perfis de veículos, jornalistas ou demais personagens da imprensa *mainstream* (que normalmente possuem grande número de seguidores), eles fazer questão de retuitar o fato de terem sido retuitados, como podemos ver nas sentenças abaixo:

(Evc350) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @recribelli: “@vozdacomunidade: Tiroteio agora!!
15:43#vozdacomunidade 28/11/2010 Reply Retweet Favorite 8

A utilização desse recurso é feita pelos jovens para que os seguidores saibam que “a repórter/apresentadora do Fantástico reproduziu uma informação do Voz da Comunidade”. A postagem de *tweets* nos quais mostram a “conquista de espaço na mídia” é uma das atividades mais frequentes realizadas pelos jovens. O que pode vir seguido ou precedido de comentários, ou não, o que traz sentidos diferentes, como podemos ver abaixo:

(Evc518) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Olha Globnews falando da gente agora !!! hahahaha #vozdacomunidade
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 16

(Evc418) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Atenção!!! Entrevista agora com equipe do #Vozdacomunidade será entrevistada
agora pelo "Programa do GUGU" na Record! Liguem ae !!!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 78

(Evc663) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Quem quiser assistir à entrevista que demos para o programa do Gugu:
<http://migre.me/2yKJs>
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 33

(Evc685) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Retuítem: "Voz" da comunidade é convidado hoje do Sem Censura -
<http://tinyurl.com/25pa5x4>
01/12/2010 Reply Retweet Favorite 148

(Evc116) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Vai passar uma reportagem nossa agora no "Repórter Brasil" da TVBrasil e
amanhã temos uma gravação pro "Jornal Hoje".
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 28

(Evc446) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Olhem o @fabioramalho falando agora do #Vozdacomunidade na RECORD!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 8

(Evc252) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Estamos na redação do Jornal O GLOBO!!!
12/03/2010 Reply Retweet Favorite 9

(Evc100) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Quem está assistindo @JJAfroReggae agora no Estúdio I da GloboNews, dá RT!
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 79

No primeiro enunciado da série (Evc518), é possível observar um misto de comemoração e surpresa por este espaço conquistado na mídia de massa. Mesmo sem terem sido consultados para a reportagem, foram citados, o que garante a eles posição de credibilidade ao serem chamados a participar do processo de produção de notícias como “fontes”, como já foi trabalhado no terceiro capítulo.

Nos dois *posts* seguintes, estimulam seus seguidores a acompanhar as entrevistas das quais participaram e também disponibilizam o *link* do programa para aqueles que não tiveram oportunidade de assistir no momento em que foi veiculado.

Além de enumerarem os programas dos quais participaram, os integrantes do Voz da Comunidade também estimulam seus seguidores a assistir à participação do grupo na TV, como é possível observar no *post* Evc685..

Os jovens também fazem questão de destacar a “agenda cheia” de compromissos com a imprensa, ainda no sentido de demonstrar a conquista de legitimação, a partir do trabalho realizado durante os dias de ocupação. “Vai passar uma reportagem nossa agora ‘Repórter Brasil’ da TVBrasil e amanhã temos uma gravação pro ‘Jornal Hoje’.” Também começam a estabelecer uma relação de maior proximidade com os meios e jornalistas: “Olhem o @fabioramalho...”.

Na tentativa de avaliar a repercussão destas “aparições públicas” nos veículos e também estabelecer a relação entre os seguidores do Twitter e aqueles que acompanham o grupo na mídia, propõem uma atividade, como pode ser percebido no último *tweet*: “Quem está assistindo @JJAfroReggae agora no Estúdio I da GloboNews, dá RT!

Em alguns enunciados, no entanto, os membros do @vozdacomunidade apenas reproduzem, sem comentários, material no qual são citados, pelo recurso da retuitagem:

(Evc471) vozdacomunidade Voz da Comunidade
<http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV/0,,MUL1042912-9097,00-ADOLESCENTE+CRIA+JORNAL+PARA+RESOLVER+PROBLEMAS+DO+MORRO+DO+ADEUS.html>
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 22

(Evc488) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @crisjacobs: @TheEconomist young reporters who live in a Rio favela, use twitter to broadcast real time info about Rio's war@vozdacomunidade
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 46

(Evc497) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @Rene_Silva_RJ: BBC News - Rio favela tweets create overnight celebrity
<http://www.bbc.co.uk/news/world-latin-america-11862593#vozdacomunidade>
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 42

(Evc735) vozdacomunidade Voz da Comunidade
'Voz da Comunidade' jornal do Complexo do Alemão tuita os bastidores dos fatos <http://tinyurl.com/3y2pjwh>
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 29

(Evc627) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @JornalOGlobo: Representantes de ONGs e @vozdacomunidade acompanham pelo Twitter cerco ao Complexo do Alemão
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 33

(Evc723) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Moradores do Alemão e representantes de ONGs acompanham em detalhes pelo Twitter cerco ao ... - O Globo Online <http://t.co/QnlW0mB>
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 32

(Evc544) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Tv Holandesa falando do trabalho do Jornal Voz da Comunidade
<http://twitpic.com/3dip17> 06/12/2010 Reply Retweet Favorite 14

Em algumas situações, como pudemos observar acima, não há interferência direta dos jovens sobre o conteúdo, apesar de ser recorrente o desejo sintomático de estarem legitimados pelos meios de comunicação, principalmente aqueles que ocupam

relação de dominância no quadro das mídias. Não é possível avaliar os motivos pelos quais tais menções ao trabalho do @vozdacomunidade não foram comentadas de alguma forma, mas é necessário destacar que no simples fato de retuitarem, os sujeitos já ressignificam os sentidos preexistentes nos enunciados de origem.

Posições essas que se deslocam. Segundo Orlandi, “pela natureza incompleta do sujeito, da linguagem, ainda que todo sentido se filie a uma rede de constituição, ele pode ser um deslocamento” (2005, p. 55).

É importante destacar ainda o movimento realizado pelo @vozdacomunidade no sentido de chamar a atenção de alguns membros da rede com o objetivo de que conheçam e repliquem o material produzido pelo grupo, como pode ser visto nas relações com o apresentador @marcelotas (um dos líderes no ranking de usuários brasileiros com maior número de seguidores na época).

(Evc352) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Atenção @MarcelosTas siga o perfil @vozdacomunidade e saiba as noticias do que acontece em tempo real no Complexo #PaznoRio
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 22

(Evc168) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Vamos dar RT nesta mensagem galera: @MarceloTas siga o nosso perfil e acompanhe em tempo real as noticias do Complexo.
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 28

(Evc360) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @marcelotas Brava equipe que atualiza o @vozdacomunidade de dentro do Complexo do Alemão: @Rene_Silva_RJ @IgorComunidade @JackComunidade #paznorio
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 101

(Evc413) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @marcelotas: Notícias da crise no Rio com olhar de dentro:
@vozdacomunidade- equipe do jornal do Complexo do Alemão
<http://bit.ly/hcG3Kf>
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 152

(Evc318) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Obrigado @MarceloTas pelo comentário agora no CQC!!!!
11/29/2010 Reply Retweet Favorite 5

(Evc90) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Obrigado @marcelotas, que vai mandar uma equipe do CQC para cobrir o
evento do Jornal ã//
12/08/2010 Reply Retweet Favorite 5

Aqui valem algumas palavras as mais sobre as práticas discursivas do Twitter, que, em muitos casos, já se comporta como um gênero textual. Teremos que compreender, como afirma Alves (2012) como gêneros ganham forma nas “práticas discursivas” propriamente ditas.

Há gêneros mais ou menos invariáveis, como bulas de remédios, fichas catalográficas etc. Mas não podemos dizer o mesmo de romances, reportagens ou discursos políticos. Isto porque as *práticas discursivas* renovam, deslocam, contrariam muitas vezes as expectativas genéricas. Todos esperam do gênero reportagem que atenda aos requisitos de legitimação do jornalismo informativo, como a existência de dados, de documentação e de depoimentos. Mas não é difícil encontrarmos reportagens que, em verdades, sejam verdadeiros artigos ilustrados: jornalistas nem sempre vão á rua para apurar; mas, muitas vezes, para buscar informações que confirmem suas expectativas, que reafirmem uma ideia preestabelecida na redação. Analistas não devem se conformar em localizar o gênero, uma configuração textual, mas, indo além, ver como ele se realiza (ALVES, 2012).

Portanto, se as postagens do Twitter vierem a se constituir como um gênero textual, não é difícil que este novo gênero contenha elementos próprios às práticas discursivas da mídia, no jornalismo, na publicidade. Até porque esta ferramenta estabelece tanto o contato entre textos quanto entre interlocutores pertencentes ao mundo cotidiano e ao mundo midiático. Isso parece ser potencializado no caso Voz da Comunidade.

Tal contato com a mídia tradicional também faz com que os autores comecem a estabelecer novas relações com jornalistas/veículos. A proximidade que começa a surgir entre sujeitos começa, em certo momento, a se tornar evidente nos discursos do @vozdacomunidade.

(Evc590) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @MiriamLeitaoCom: O René é assim RT @vozdacomunidade: Rene Silva:
Jovem relata ... favela em seu jornal no RJ -
<http://www.youtube.com/watch?v=MRC5EI3aPwY>
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 17

(Evc648) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Obrigado @MiriamLeitaoCom por nos citar em seu blog!!! Vejam e retweetem :
<http://bit.ly/hWnxVC>
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 36

(Evc330) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @MiriamLeitaoCom: Vcs fizeram por merecer RT @vozdacomunidade:
Obrigado @MiriamLeitaoCom por nos citar em seu blog!!! Vejam e retweetem :
<http://bit.ly/hWnxVC>
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 59

(Evc35) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @Flavia_OGlobo: @vozdacomunidade é o jornal do nosso @rene_silva_rj
Cobertura em tempo real nas comunidades do Alemão.
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 61

(Evc135) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Que Deus nos proteja, tanto morador da comunidade, quanto os jornalistas de
plantão na frente da comunidade e também nossa equipe! #Paz
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 57

Essa aproximação entre os jovens e jornalistas proporcionada pelo Twitter
cria nos sujeitos uma nova perspectiva do alcance do trabalho que realizam, o que os
encoraja a adentrar com maior profundidade e menor nível de receio no universo da
imprensa, o que pode ser comprovado nos seguintes enunciados:

(Evc622) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Neste momento toda a imprensa do Brasil e do mundo, encontra-se voltada para
o Complexo do Alemão!!! #vozdacomunidade

30/11/2010 Reply Retweet Favorite 16

(Evc18) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Quem dá imprensa está online, por favor, fala ai!
02/12/2010 Reply Retweet Favorite 4

(Evc284) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Agora o @realwbonner poderá vir a comunidade do Complexo e visitar a nossa
do jornal #vozdacomunidade não é?
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 44

O mais interessante de observar, contudo, é que, ao mesmo tempo em que buscam a proximidade, travam uma relação de disputa com os veículos de comunicação, reforçando o discurso de “estarem em local privilegiado” para noticiar os acontecimentos no Alemão e também de possuírem meios (os arquivos em rede) para comprovar que eles “disseram antes” dos veículos. É nesse momento que ocorrem as principais relações de força entre Voz da Comunidade e imprensa, durante a ocupação do Alemão.

(Evc53) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Tuitte no perfil pessoal antes do JN! lalalala !
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 5

(Evc731) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Pensei q fui eu RT @showdaida Repórter da TV Globo é a primeira a
transmitir imagens do alto do morro.<http://bit.ly/fg2Xbr> #fantastico
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 70

(Evc202) vozdacomunidade Voz da Comunidade
A noticia do #vozdacomunidade será primeira pelo menos em questão de
segundos porque nós estamos dentro da comunidade!!!!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 30

(Evc22) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @cidcancer: @vozdacomunidade Não precisamos do Fantástico pra saber c/
foi a ocupação do Alemão. A blogosfera e o twitter já deram, c gde contrib de
vcs
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 4

(Evc436) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @MarceLa_LuciLLe: Que JN q nada....sigam @vozdacomunidade . São
jovens direto do complexo do alemão enviando notícias em tempo real.
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 22

(Evc437) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @LHPrieto: @vozdacomunidade A TV Record disse que tá recebendo
informações de dentro do Complexo. Tá vendo a importância de vocês?
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 20

(Evc377) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @cynaramenezes: o @vozdacomunidade tá com mais seguidores que o
@folha_poder...
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 18

A necessidade de dizer aos seguidores que se anteciparam ao telejornal brasileiro de maior audiência reforça essa relação de forças. O questionamento da informação de que uma repórter da TV Globo foi a primeira a transmitir as imagens do alto do Morro é outra marca no discurso dos sujeitos no sentido de consolidar sua posição privilegiada no acompanhamento dos fatos. Em seguida, reforçam esse sentido ao retuitar o comentário de uma tuiteira, que diz que as informações não estão disponíveis apenas nos grandes meios, mas por toda a rede.

A comprovação de uma seguidora de que o perfil @vozdacomunidade tem mais *followers* que o do segundo jornal de maior circulação no país (Folha de São Paulo, segundo levantamento do Instituto Verificador de Circulação – IVC - de janeiro de 2012), é outro *tweet* no qual os sujeitos vocalizam suas percepções em torno na influência que exercem, nessa relação de forças com a mídia massiva.

Essa posição conquistada também os estimula a fazer cobranças em relação à cobertura da mídia e também questionar as informações transmitidas:

(Evc106) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Que isso? RedeTV News tá falando caô hein!!! A comunidade tem LUZ e
ÁGUA sim!!! Eles estão confundindo com a Vila Cruzeiro #RT
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 71

(Evc810) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Essas imagens q estão aparecendo da JOAQUIM DE QUEIROZ q parece uma
certa destruição não é por causa de tiros e etc. são as obras do PAC!
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 69

(Evc246) vozdacomunidade Voz da Comunidade
A globonews informou que é uma loja, porém como moro aqui na comunidade
sei que é um bar ao lado, porém onde está pegando fogo nao sei.
11/27/2010 Reply Retweet Favorite 5

(Evc108) vozdacomunidade Voz da Comunidade
A imprensa está nos procurando a todo momento pra falar sobre a explosão do
nosso twitter! Só quer ver na hora de cobrir eventos sociais....
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 40

(Evc152) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Alguém está sabendo da "INVASÃO CULTURAL" no Complexo do Alemão
no próximo sábado??? É bom pra imprensa noticiar!
30/11/2010 Reply Retweet Favorite 60

É importante, destacar, contudo, que por mais que os jovens tenham retuitado algumas postagens de outros usuários, corroborando o que dizem em muitos casos, eles apenas incorporam essa opinião, que é de outros usuários.

Outra ação recorrente que marca o dualismo no discurso dos jovens do Voz da Comunidade é o fato de colocarem-se como informantes privilegiados, e também darem voz à cobertura da mídia de massa em seu perfil, embora em proporção bem menor que as postagens

(Evc453) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @caosrj RT @CasodePolicia: #everdade que as equipes policiais estão
recebendo óculos de visão noturna para invadir o Alemão.
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 8

(Evc340) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @CasodePolicia #eboatto que blindados do Exército tenha entrado no
Complexo do Alemão. Quem informa é o repórter Guilherme Amado.
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 16

5.4. Reproduções e metaforizações de sentido: paráfrase e polissemia

Embora as relações de paráfrase e polissemia permeiem todo o discurso, no caso dos jovens do Voz da Comunidade, torna-se necessário destacar as principais evidências desses processos ao longo do *corpus* de nossa análise.

Segundo Orlandi (2005), todo o funcionamento da linguagem está na relação entre processos parafrásticos e polissêmicos. A paráfrase, a partir de conceitos da Análise de Discurso Francesa, é um processo de efeitos de sentido que se produz no interdiscurso²⁶, e promove o retorno ao já-dito na produção de um discurso que, pela legitimação deste dizer, possibilita sua previsibilidade e a manutenção no dizer de algo que é do espaço da memória discursiva. São as relações parafrásticas as principais responsáveis pela produtividade na língua. A partir dessa noção, ao proferir um discurso, o sujeito recupera um dizer que já está estabelecido e o reformula, o que abre espaço para o novo. Essa tensão entre a retomada do mesmo e a possibilidade do diferente desfaz a dissociação entre paráfrase e polissemia.

Já a polissemia aponta para o deslocamento, a metáfora, a ruptura dos processos de significação. Tal recurso evoca a emergência do diferente e da multiplicidade de sentidos no discurso. Esse processo

garante a criatividade na língua pela intervenção do diferente no processo de produção da linguagem, permitindo o deslocamento das regras e fazendo resultar em movimentos que afetam o sujeito e os sentidos na sua relação com a história e a língua (ORLANDI, 2005, p.38)

²⁶ O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: É preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, separe na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentidos “minhas” palavras. (Cf. Orlandi, 2005)

Ainda conforme a autora, a possibilidade do novo criada pela polissemia é a própria razão de existência da linguagem, já que a necessidade do dizer é fruto da multiplicidade dos sentidos. E que são os processos polissêmicos que garantem que um mesmo objeto simbólico passe por diferentes processos de resignificação. A relação entre os dois recursos é estabelecida pela autora:

A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico (ORLANDI, 2005, p. 38).

Mas nestes processos, a paráfrase e a polissemia, a reprodução e a metaforização não são estanques, não ocorrem de maneiras dissociadas. Assim como não há reprodução sem qualquer deslocamento – a própria repetição de uma frase, na medida em que é repetição, não coincide com o que foi dito anteriormente – da mesma forma não se pode dizer que a metaforização seja um processo sem rastros no já-dito – sob o risco da incompreensibilidade.

A partir destas considerações, é possível analisar todos os enunciados trabalhados anteriormente sob o ponto de vista parafrástico e polissêmico. Neste subcapítulo, contudo, vamos destacar de que forma seus discursos se aproximam do discurso jornalístico, de que forma repetem-no, a partir de elementos que serão identificados ao longo das análises dos segmentos selecionados.

Embora a marca de dualidade (comportamento como sujeitos da comunidade e também como jornalistas), que representa um deslocamento dos sujeitos (identificados no processo de polissemia) seja muito frequente nos discursos dos membros do Voz da Comunidade, como vimos no subcapítulo anterior, iremos trabalhar aqui com os lugares discursivos próprios do jornalismo, o jargão compartilhado pelos profissionais da área. Ao assumir a posição de agentes da informação “exclusiva” ou em “primeira mão” os sujeitos são atravessados por sentidos heterogêneos, que representam uma permanente relação com as palavras, com o outro e com os discursos já ditos antes.

(Evc184) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Divulguem: Vamos mostrar com exclusividades pra vocês ao vivo direto da comunidade! Aguardem instantes!!!#vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 93

(Evc540) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Assista um video exclusivo do #vozdacomunidade feito hoje pela manhã:
<http://migre.me/2y5MT>
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 64

(Evc440) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @IgorComunidade: exclusivo:Mais 3 bandidos presos!!!!#vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 17

Ao mesmo tempo em que recuperam, nos enunciados acima, dizerem próprios da linguagem jornalística, os autores travam com esses veículos uma disputa por espaço, no seguinte sentido: “O @vozdacomunidade tem informações que outros meios de comunicação não possuem”, que é o conceito de exclusividade do jornalismo. São muitas as formas de se fazer jornalismo, e muitos são os gêneros que esta atividade mobiliza. Mas, no quadro do jornalismo contemporâneo, os apelos em torno do “tempo real” têm modificado as práticas e o fazer jornalístico. É incorporando esse recurso - o que também é estimulado pelas características da rede social Twitter (agilidade, simplicidade) – que os jovens do Voz da Comunidade irão transmitir os acontecimentos. Podemos notar a preocupação dos autores da divulgação das horas em que os acontecimentos narrados ocorrem e de termos amplamente utilizados no jornalismo, como o “urgente” e “tempo real”.

(Evc118) vozdacomunidade Voz da Comunidade
A maioria das pessoas está seguindo o VOZ DA COMUNIDADE pra saber informações tempo real do que está acontecendo no Complexo do Alemão hoje
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 14

(Evc140) vozdacomunidade Voz da Comunidade
15:20 URGENTE!!!! O caveirão acabou de subir na comunidade do Morro do Adeus!!!! #Vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 124

(Evc165) vozdacomunidade Voz da Comunidade
URGENTE!!! 21:21 - Metade do Complexo do Alemão sem LUZ neste momento!!! #vozdacomunidade
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 190

(Evc217) vozdacomunidade Voz da Comunidade
23:23 URGENTE!!!! A energia elétrica foi cortada novamente no Complexo do Alemão!!!! #vozdacomunidade
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 97

Os termos utilizados para atribuir a autoria a outros, como as expressões “segundo”, “de acordo” e as aspas nas falas também são amplamente utilizados nos enunciados do @vozdacomunidade. Dessa forma, colocam-se em uma posição de “imparcialidade” diante dos seguidores.

(Evc404) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Segundo informações de moradores estão invadindo casas na rua 2 na alvorada !
#vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 90

(Evc238) vozdacomunidade Voz da Comunidade
ATENÇÃO: A equipe do Voz da comunidade não comenta nada sobre traficantes e nem policiais. Estamos sendo imparciais neste momento! #Equipe
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 15

Na busca por uma posição de credibilidade e confiabilidade ante os seguidores, também divulgam errata no perfil, uma das práticas do jornalismo, presentes em todos os manuais de redação dos veículos. “O público espera informação de qualidade, sem erros, sem distorções, sem incorreções. O coeficiente de confiabilidade destas reportagens será proporcional ao nível de segurança do público em relação à mídia que consome” (CHRISTOFOLETTI e PRADO, 2005, p.2).

(Evc172) vozdacomunidade Voz da Comunidade

Deleta o que eu disse, não era ela esta mulher que foi beneficiada! A equipe confundiu com outra noticia, é muita coisa chegando ao mesmo tp
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 18

A busca por audiência e o estímulo aos usuários para manterem o #vozdacomunidade nos *trending topics* é outra marca frequente nos enunciados. Dessa forma, reproduzem o discurso de busca por pontos no Ibope, por vendas de jornais e por visitantes nos sites.

(Evc272) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Conseguimos!!!! Coloca #vozdacomunidade no TTbr !! Agora pra manter, vamos tentar?
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 19

(Evc176) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Estamos em 4o lugar no TTbr! #vozdacomunidade
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 14

(Evc321) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Vamos colocar #vozdacomunidade nos trends ? @vozdacomunidade
28/11/2010 Reply Retweet Favorite 38

Outra ocorrência que se repete com frequência no discurso do Voz da Comunidade é a comemoração diante do crescimento do número de seguidores:

(Evc102) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Quase 2 mil seguidores! Começamos a twittar hoje por volta de 13h e tínhamos apenas 180 seguidores!!!
27/11/2010 Reply Retweet Favorite 7

(Evc7) vozdacomunidade Voz da Comunidade
26.000 seguidores jaja!
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 11

(Evc396) vozdacomunidade Voz da Comunidade
Tínhamos 180 sabado RT @EleniRosa @vozdacomunidade Qual o número de seguidores no twitter que vcs tinham antes de td ocorrer no Complexo?
29/11/2010 Reply Retweet Favorite 15

A partir da seleção dos enunciados acima, foi possível identificar algumas formações discursivas (FDs) dominantes no discurso do Voz da Comunidade. Entende-se FD como “a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito” (COURTINE, 1994). Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, que podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança. Essa noção de FD deriva do conceito foucaultiano (1987) que diz que sempre que se puder definir, entre um certo número de enunciados, uma regularidade, se estará diante de uma formação discursiva. Na AD, com Pêcheux, este conceito é reformulado e aparece associado à noção de formação imaginária.

As formações discursivas travam, no seu exterior, o interdiscurso, relação com diferentes discursos. O entrelaçamento dos diferentes discursos, vindos de diferentes momentos da história, de diferentes lugares sociais, de diferentes autores, caracteriza uma interdiscursividade. Uma formação discursiva incorpora sentidos de outras formações discursivas que podem ser complementares, contraditórios ou excludentes. Mas sempre os retrabalha segundo sua própria matriz.

A formação de um discurso resulta da combinação de diferentes discursos. Assim, conforme Pêcheux (1990, p. 314), uma formação discursiva “[...] não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente ‘invadido’ por elementos que vêm de outro lugar (...) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais”.

Segundo Sargentini (2007), a concepção foucaultiana de formação discursiva articula-se a uma noção de corpus heterogêneo, instável, em processo de construção.

A definição de uma formação discursiva como uma forma de repartição, ou, ainda, um sistema de dispersão convida a colocar a contradição entre a unidade e a diversidade, entre a coerência e a heterogeneidade no interior das formações discursivas; vem a fazer de sua unidade dividida “a própria lei de sua existência”. (FOUCAULT, 1986, apud SARGENTINI, 2007)

Entre as formações discursivas dominantes nos enunciados recuperados no Twitter do Voz da Comunidade pudemos observar alguns traços mais evidentes. Um deles é o discurso de legitimação das ações do perfil @vozdacomunidade a partir da repercussão que o trabalho ganhou nos veículos tradicionais. Outro fator observado é o deslocamento dos sujeitos, quando surge um “outro discursivo”, aquele que fala de um lugar que não pode ser dito por esta imprensa tradicional.

Uma outra formação discursiva preponderante nos enunciados analisados é a reafirmação do poder da rede na projeção de novos atores no debate público que passa pelos veículos de comunicação. Além disso, os sujeitos expressam a partir dos enunciados uma relação contraditória com o discurso oficial do Estado, visto que, ao mesmo tempo em que aparenta um entusiasmo pela ocupação, há um espaço, ainda que nem sempre ditos, para a desconfiança em relação à possibilidade de que as ações acabem imprimindo à comunidade alguns limites. Prova disso é a utilização do termo invasão, no lugar de ocupação, como descrito mais acima.

A partir destas formações discursivas, aquela que incorpora elementos dos discursos midiáticos de veículos tradicionais, e a outra, em que os jovens do Voz se identificam e se posicionam como “outros” do discurso midiático, é que o Twitter estudado produz sentido, com suas ambiguidades, seus equívocos, seus deslocamentos, e suas repetições.

5.5. Imprensa e mídia alternativa: proximidade e distanciamento

Com o objetivo de trazer novas perspectivas para nosso trabalho, no sentido de aprofundar a análise entre elementos que aproximam e distanciam a cobertura do Voz da Comunidade daquela realizada pela imprensa tradicional, procuramos estudar também o trabalho realizado pelo jornal Extra, pelo seu perfil no Twitter @jornalextra. A escolha do veículo entre os demais diários cariocas deu-se pela forma como a cobertura foi realizada no Twitter durante os dias de ocupação. Com equipes espalhadas por diferentes locais no Morro do Alemão, conforme informado pelo veículo, o diário criou um perfil no Twitter exclusivo para informar à população o que seriam boatos ou verdades em torno dos acontecimentos violentos que assustaram os cariocas e o país em geral, no final de novembro de 2010, o @casosdepolicia.

Também é necessário destacar que a escolha ocorreu a partir de uma análise do volume de material produzido no período entre 27 de novembro e 1º de dezembro de 2010. O Jornal O Globo, que ocupa a terceira colocação em circulação - segundo números de 2011 do Instituto Verificador de Circulação (IVC) e a primeira no Twitter entre os veículos do Rio de Janeiro, com 462.227 seguidores²⁷ – produziu (entre postagens e retuitagens) 472 *tweets* no período, de acordo com levantamento realizado junto à ferramenta de buscas Topsy.

Já o jornal popular Meia Hora, cuja versão impressa é a sétima mais vendida no país, e possui 26.551 seguidores no Twitter, postou 673 mensagens no mesmo período avaliado. O Extra, que é o quarto diário mais vendido no país, de acordo com o IVC, possui, em seu Twitter, 73.101 seguidores. Entre os perfis analisados, foi o que mais produziu conteúdo no período analisado com 997 postagens, entre as produzidas pelo veículo e as mensagens retuitadas para a população no período.

Recorremos à análise dos *tweets* de um dos representantes da “imprensa tradicional” para observar as relações estabelecidas no discurso do veículo em comparação ao do Voz da Comunidade e avaliar quais os traços que ela absorve do discurso da “comunidade” e de que forma o “Voz” também aproxima seu discurso do Extra. Procuramos avaliar, ainda, de que forma os moradores do Complexo do Alemão são convocados a participar da cobertura da ocupação desse território, como fontes.

Com o crescimento das novas mídias sociais e a ampliação do sentimento de vigilância sobre o trabalho realizado pela imprensa em geral, com vimos no segundo capítulo deste estudo, é necessário trazer um novo olhar para o estudo das mídias e de que forma a cobertura vem sendo modificada nesse novo cenário. Isso porque, na era da web 2.0, o conteúdo noticioso que circula na sociedade vem sofrendo transformações. As empresas “tradicionais” se desestabilizam, se reinventam, e os canais autodenominados *all news* adequam suas reações a esse panorama, o que traz uma sensível complexificação da configuração midiática contemporânea.

A circulação de notícias, a vocalização das fontes e a ampliação dos canais de difusão, além das transformações realizadas pelos atores da informação, merecem receber maior atenção.

A partir da análise dos *tweets* postados, pretendemos, em particular, fixar nosso olhar na relação entre fontes e a veículos, com o intuito de perceber como foi

²⁷ Os dados foram colhidos em fevereiro de 2012.

concedida, a esses sujeitos, a possibilidade de participação no relato dos fatos. A avaliação de como a população foi chamada a ter voz durante a ocupação do Complexo do Alemão permitirá um avanço investigativo em nosso trabalho, ainda que de forma preliminar, na identificação dos reflexos desses novos atores na cobertura midiática.

Para este levantamento, foram coletadas, entre os dias 27 de novembro e 5 de dezembro 591 postagens do perfil @jornalextra, por meio da ferramenta Topsy, que podem ser visualizadas no Anexo II deste trabalho. Os *tweets* publicados pelo veículo neste período que não tinham relação com a ocupação do Morro do Alemão e com os atos violentos que ocorriam no Rio de Janeiro no período não foram incorporados à pesquisa. É necessário destacar, contudo, que o objetivo primeiro da pesquisa é trabalhar os discursos (e suas relações) produzidos pelo perfil @vozdacomunidade. Por isso, demos menos ênfase ao trabalho de cobertura da imprensa, que, neste caso, será analisada a partir dos traços de aproximação e de distanciamento em relação ao conteúdo produzido pelos jovens do Voz da Comunidade.

Os acontecimentos ocorridos no Rio de Janeiro, no final de 2010, receberam, pela imprensa, diversos nomes. Segundo Mendonça (2011), a grande maioria recorria às mesmas metáforas bélicas, o que já foi afirmado no início da nossa análise, de outros momentos de extrema violência urbana na cidade. Assim, termos como “A Guerra do Rio” e “A Guerra Contra o Tráfico” foram recorrentes na imprensa daquele período”

O uso destas metáforas bélicas pela imprensa cumpre a função de tentar produzir, na audiência, uma sensação de insegurança que permita a legitimação de ações repressivas ‘enfáticas’ por parte dos poderes instituídos, como o uso de força extrema e a convocação das forças armadas para exercerem função de polícia (MENDONÇA, 2011, p. 5).

A partir dos *tweets* do Extra agrupados, pode-se perceber uma tendência a chamar os acontecimentos de “guerra contra o tráfico”, “guerra no Rio” ou apenas “guerra” como pode ser percebido nos enunciados a seguir:

(Eex154) jornalextra Jornal Extra
Mande pelo www.extraonline.com.br sua mensagem de apoio aos policiais e militares que atuam na guerra contra o tráfico
11/27/2010 Reply Retweet Favorite 6

(Eex230) casodepolicia Casos de Polícia

RT @CasodePolicia: A repórter Marjoirê Silva passa ao vivo as últimas informações sobre a guerra no Rio. E você pode fazer perguntas: <http://migre.me/2yQfW>

11/28/2010 Reply Retweet Favorite 8

(Eex248) jornalextra Jornal Extra

Moradores do Complexo do Alemão deixam suas casas por medo de guerra <http://migre.me/2wL52>

11/27/2010 Reply Retweet Favorite 7

O uso desses termos se contrapõem ao mote utilizado pelo Voz da Comunidade. Ao utilizar a expressão “paz no Rio”, os jovens reafirmavam o que parecia ser o objetivo de todo o movimento: restabelecer a paz no Rio e também no Complexo do Alemão. É interessante notar, contudo, que o termo “pacificação” tão alardeado pelo Governo e forças de ocupação e também no próprio nome da unidade que será instalada no território – a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) - não aparece em nenhum momento nas 810 postagens realizadas durante a ocupação. A “paz” para os jovens é outra.

(Evc32) vozdacomunidade Voz da Comunidade

Queremos #PaznoRio!

28/11/2010 Reply Retweet Favorite 41

(Evc329) Voz da Comunidade

#Retweet! Todos estão sob forte tensão, foram dias difíceis! Torcemos pela Paz e que venham os dias melhores! #PaznoRio #Vozdacomunidade

28/11/2010 Reply Retweet Favorite 149

Um dos principais pontos observados durante a cobertura em tempo real, via *posts* no Twitter do jornal Extra, é o alinhamento do discurso da imprensa, com o do estado, no sentido de referenciar as ações policiais. Ao longo de todo o evento, é

possível perceber, nas postagens do veículo um discurso de apoio às ações das forças de ocupação. A partir desse posicionamento, poucas foram as vozes dissonantes “autorizadas” a participar da narração desses acontecimentos via imprensa e muitas aquelas que produziam mensagens de apoio ao movimento no sentido de se reforçar determinados “consensos sociais”.

(Eex227) jornalextra Jornal Extra
Moradores do Alemão gritam frases de apoio à invasão da polícia
<http://migre.me/2xR8k>
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 16

Esse movimento de apoio da população à ação policial chega a ser inclusive estimulado pelo veículo, bem como o fornecimento de informações para as autoridades de segurança, como é possível observar nos enunciados abaixo:

(Eex239) jornalextra Jornal Extra
Envie sua mensagem de apoio a policiais e soldados que estão em ação contra o tráfico no Rio. Aqui: <http://migre.me/2wvT8>
11/27/2010 Reply Retweet Favorite 6vozdacomunidade

(Eex66) jornalextra Jornal Extra
Se tiver informações sobre a localização de traficantes e de armas no Alemão, colabore com as autoridades de segurança
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 17

Outra característica predominante na cobertura do @jornalextra pelo Twitter é o silenciamento e a não-legitimação de vozes discordantes em relação aos excessos cometidos pela polícia durante a revista de casas, como veremos a seguir, e também ao movimento, de forma geral. Como vimos anteriormente, o @vozdacomunidade não chega a fazer uma denúncia formal, mas informa que alguns moradores disseram terem sido espancados durante as ações das forças de ocupação. Já o Extra, não dá voz a estas queixas, mas, divulga posteriormente os procedimentos oficiais para registrar denúncias sobre a ação policial no Morro do Alemão. O único *post* entre os analisados que

apontam nesse sentido é este em que uma moradora sugere a ocorrência de abusos por parte dos policiais, mesmo com redação ambígua:

(Eex433) jornalextra Jornal Extra
#everdade esta informação de moradora @CasodePolicia "A POLICIA JÁ FOI NA MINHA CASA. ISSO É BOM SINAL. ELES ESTÃO COM MUITA MARRA"
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 7

(Eex166) jornalextra Jornal Extra
A ouvidoria para os moradores do Complexo do Alemão denunciar abusos policiais deve funcionar no 16ª BPM (Olaria)
11/29/2010 Reply Retweet Favorite 4

(Eex223) segurancarj Segurança RJ
RT @SegurancaRJ: PM orienta como denunciar em caso de abusos de policiais militares >> <http://www.twitvid.com/N2LKMM>
11/30/2010 Reply Retweet Favorite 19

(Eex309) jornalextra Jornal Extra
Ônibus da Defensoria Pública recebeu 10 denúncias de abusos de policiais no Alemão <http://migre.me/2D20P>
12/01/2010 Reply Retweet Favorite 5

Outra característica que aparece com frequência nos enunciados do Extra é a legitimação de fontes que até então não eram chamadas a ter voz e não participavam do processo de construção de notícia no jornalismo. É nesse momento que é possível verificar a participação dessas novas vozes, mas de forma a reforçar um discurso já estabelecido durante narração dos acontecimentos de ocupação do Alemão. Entre as principais postagens retuitadas aos seguidores do extra, estão mensagens que apontam para a tranquilidade no Complexo e o restabelecimento da paz no local.

(Eex96) RT @vozdacomunidade: A comunidade está um silêncio total! Nem parece ser domingo...
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 59

(Eex174) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @vozdacomunidade: 08:08 - Não se houve tiros, nem helicópteros na comunidade.
11/29/2010 Reply Retweet Favorite 19

(Eex365) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @vozdacomunidade: Clima tranquilo no Complexo do Alemão neste momento #vozdacomunidade
11/27/2010 Reply Retweet Favorite 29

(Eex427) vozdacomunidade Voz da Comunidade
RT @vozdacomunidade: 22:38 - Comunidade está calma, sem barulhos agora! Pizzarias, postos de gasolina e Hotéis, estão abertos!
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 76

Há ainda a intenção de se estabelecer contato com o grupo durante a visita ao Complexo, outro enunciado que atesta a legitimação do Voz da Comunidade como “voz ativa no discurso jornalístico”.

(Eex150) jornalextra Jornal Extra
@vozdacomunidade, estamos aí no Complexo do Alemão. Vamos entrar em contato
11/28/2010 Reply Retweet Favorite

Porém, um dos principais traços que se pode perceber na cobertura do Extra é a reafirmação do discurso jornalístico de detentor da verdade. Esse imaginário evidencia-se na criação do perfil @casosdepolicia do mesmo veículo, com o objetivo de esclarecer a população o que estava sendo informado no boca a boca e também nas redes sociais que era boato e o que era verdade nesse mesmo contexto.

(Eex563) casodepolicia Casos de Polícia
RT @CasodePolicia: Assista agora: <http://bit.ly/hLKxTv> estamos informando ao vivo o que #eboato e o que #everdade #CASODEPOLICIA
11/27/2010 Reply Retweet Favorite 7

(Eex344) casodepolicia Casos de Polícia
RT @CasodePolicia: #everdade que presidente da Comissão de Direitos Humanos da Alerj deputado Freixo não recebeu denúncias de agressão a moradores na operação
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 61

(Eex420) jornalextra Jornal Extra
#eboato, diz o presidente da Cedae, Wagner Victor, que bandidos do Alemão fugiram pela galeria de esgoto
11/28/2010 Reply Retweet Favorite 11.

É necessário, porém, discutir essa posição do sujeito jornalístico. É comum que jornalistas evoquem palavras como objetividade, isenção e verdade em suas práticas diárias. No entanto, em uma relação menos ingênua com a língua, sabemos que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2005, p 36).

Ao colocar-se como detentor da verdade, na série de postagens por meio do perfil @casosdepolicia, o jornal Extra reforça este discurso de verdade, que se estabelece como um mito de objetividade.

Para Foucault (2009), essa vontade de verdade apoia-se sobre um suporte institucional, sendo ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas.

essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção (FOUCAULT, 2009, p. 18)

Para Mariani (1999), em uma leitura crítica, deve-se considerar que os sentidos da linguagem são manipulados para atender a interesses e seus discursos da atividade jornalística não podem ser classificados como transparentes e neutros. Essa

leitura crítica também deve estabelecer que o discurso jornalístico atua como um construtor de sentidos e também como um influenciador de seu público.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na era da *web* 2.0 (que caminha a passos largos em direção à *web* 3.0) e das redes sociotécnicas não se pode mais ignorar o impacto das redes sociais na mudança das rotinas de produção dos veículos jornalísticos em geral. Mudanças que foram, de certa forma, “impostas” pela emergência de novos atores na rede, que ganharam visibilidade e maior possibilidade de participação a partir de novos dispositivos da *web*, cada vez mais acessíveis na sociedade. Diante dessa situação de midiaticização, ampliada por suportes tecnológicos autônomos de comunicação, como afirmou Verón (2002), a configuração midiática contemporânea tem se tornado cada vez mais complexa.

Nosso estudo apresenta-se, nesse cenário, como um entre tantos outros necessários para se discutir de que forma as redes estão atuando no processo de desestabilização e reconfiguração das práticas de disseminação de informação pelos veículos jornalísticos tradicionais. Porém, não nos propusemos a colocar em uma arena redes sociais *versus* imprensa tradicional, objetivando encontrar um vencedor ao final da disputa. Procuramos, a partir da análise dos enunciados produzidos pelo Voz da Comunidade, traçar elementos de distanciamento e proximidade com o discurso do jornalismo *mainstream*, e de que forma ambos sofrem interferências entre si.

Ao mesmo tempo em que podemos observar a busca incessante por legitimação dos novos enunciadores (seja pela mídia ou mesmo pela audiência), o mesmo podemos verificar nos veículos tradicionais, que apesar de já estabelecidos, atuam em um processo constante de manutenção de suas posições. Na tentativa de manter seu espaço, os veículos irão levar para seu ambiente várias das discussões originadas nas redes. A criação de “pautas” a partir de assuntos que alcançaram os *Trending Topics* do Twitter, por exemplo, é uma prática frequente adotada pela imprensa de forma geral. Essa reverberação na rede já não é mais ignorada pelos veículos tradicionais. Vide matérias produzidas a partir de memes²⁸ repetidos na *web*, como, por exemplo, o “Cala Boca Galvão”²⁹, em 2010, o fenômeno “Luiza no Canadá”³⁰ que ecoou na rede em janeiro de 2012.

²⁸ Meme é considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro, ou entre locais onde a informação é armazenada. No que diz respeito à sua funcionalidade, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma autopropagar-se

²⁹ Cerca de 1,2 milhão de comentários foram postados no Twitter no período de uma semana (entre os dias 10 e 17 de junho de 2010), questionando o principal narrador da Rede Globo, Galvão Bueno, há 29 na emissora de maior

Esse movimento, como vimos, inclui a presença nas redes e a convocação - para participação no debate midiático - de personagens destacados a partir da repercussão alcançada no próprio meio digital, como foi o caso do perfil @vozdacomunidade. Evidentemente, não podemos afirmar que a chegada desses novos atores tenha promovido uma inversão nas relações de dominância entre veículos tradicionais e “alternativos” e tampouco que os efeitos alcançados sejam suficientes para configurar um novo mapa de relações simbólicas na sociedade. No entanto, a emergência desses discursos possibilitou que esses sujeitos, ganhassem destaque e legitimidade como “interlocutores” entre Estado e favela.

Observamos, contudo, que para alcançar essa legitimação o Voz da Comunidade se rendeu muitas vezes ao discurso da imprensa, com colocações similares, além de silenciamentos e antecipações. Sobretudo à medida que começaram a ser convocados a participar do processo de produção de notícias como fontes e passaram a dialogar diretamente com profissionais dos veículos tradicionais.

Como vimos ao longo do trabalho, é impossível traduzir em palavras um conteúdo silenciado. Mas aos buscarmos os vestígios a partir de outros dizeres, é possível verificar que os jovens muitas vezes optam por não se posicionar, seja por receio em relação à segurança do grupo ou mesmo pela necessidade de legitimação, como dito anteriormente, adotando um discurso próximo ao da imprensa tradicional. Em um dos enunciados (Evc142), esse receio fica evidente, ao postarem: “Tem muitas perguntas que vocês fazem, que não podemos responder. Nós nos preocupamos com a nossa segurança!”. Em entrevista à revista Meio e Mensagem, Rene Silva chega a dizer que teve medo da reação dos traficantes em alguns momentos. “Mas divulguei apenas o que era necessário e o que a mídia em geral iria cobrir logo depois” (SILVA, 2011, online). Tais ocorrências evidenciam que, mesmo propagando a “liberdade” possibilitada por suas posições e uma forma “alternativa” de divulgação de informações em relação aos meios tradicionais, os discursos do Voz da Comunidade também passam por processos de autocensura e silenciamento.

audiência do Brasil. Diante de tamanha repercussão, que chegou a grandes jornais internacionais, como *The New York Times* e *El País* o narrador, que inicialmente havia negado conhecer o movimento na internet, pronunciou-se em entrevista na própria emissora, que dedicou reportagem de seis minutos ao tema. A Rede Globo, que sempre divulgou, durante jogos de futebol, faixas com dizeres como “Filma eu Galvão”, achou necessário dar explicações.

³⁰ Em um anúncio sobre o lançamento de um prédio residencial, veiculado na Paraíba, o colunista Geraldo Rabello, pai de Luiza, fala sobre o empreendimento e cita que convidou toda a família para falar da novidade, menos Luíza, de 17 anos, que estaria no Canadá, fazendo intercâmbio. Bastou essa frase para que o meme fosse gerado.

Nos mecanismos de toda formação social há regras de projeção responsáveis por estabelecer as relações entre as situações discursivas e as posições dos diferentes participantes. A partir desse ponto de vista podemos notar nos enunciados analisados que a dualidade marca o discurso dos jovens a todo momento. Isso porque, ao colocar-se na posição de seus interlocutores, por meio da antecipação, os sujeitos depararam-se com a indefinição de quem é o destinatário final de suas mensagens. Ora comemoram o fato de terem sido citados pelos veículos, ora questionam informações divulgadas pela mídia, colocando-se em posição privilegiada (local não ocupado pela imprensa). Ora focam seus trabalhos no fornecimento de informações para a comunidade do Morro do Alemão, ora convocam novos seguidores pelo país.

Dessa forma, nota-se que as posições de jornalista e de membro comunidade permeiam todo o discurso do Voz da Comunidade. Essa dupla inscrição produz conflitos de sentidos em determinados momentos. Tal característica pode ser observada a partir da forma como estabelecem relações imaginárias com veículos/jornalistas, tanto em situação de disputa quanto de colaboração. Diante disso, uma das nossas hipóteses, de que as redes possibilitariam conteúdos com características predominantemente diversas do material produzido pelos veículos tradicionais não se confirma em sua totalidade.

Porém, não se pode minimizar a relevância deste material que, por meio da possibilidade de arquivamento na rede, passa a representar uma outra forma de registro dos acontecimentos. Assim, discursos que antes não eram materializados nos suportes tradicionais ganham a possibilidade de se inscreverem na história.

Apesar do alinhamento dos discursos (Voz da Comunidade e imprensa) observados em determinados pontos, grande parte dos enunciados traz posicionamentos bem diferentes dos estabelecidos pelos veículos tradicionais. É possível observar deslocamentos de sentidos entre ambos, como é o caso da conceituação da antonímia “guerra” e de “paz”. Enquanto os veículos trabalham sob a perspectiva da “guerra contra o tráfico”, para o Voz da Comunidade a “guerra” consiste nas consequências da ocupação policial (tiros, revista de casas e de moradores etc). Paz era a situação anterior vivida pela comunidade, que não ouvia ocorrência de tiros há três ou quatro anos, conforme exposto no enunciado Evc362, mesmo diante da presença do tráfico. O mesmo ocorre com o termo ocupação, que no discurso da comunidade é tratada como invasão. Também é interessante destacar que mesmo com todo o discurso de

pacificação alardeado pelo Estado e imprensa, o Voz da Comunidade não utiliza o termo em nenhum momento, já que, para o olha de dentro, existia paz na comunidade.

Diante dos movimentos observados, não se pode afirmar, portanto, que se tem uma reconfiguração das relações de interlocução entre a equipe da Voz da Comunidade e os meios tradicionais de imprensa, já que é nela que esta equipe vai buscar a legitimação pública. Mas a constituição, formulação e circulação de sentidos, mesmo apresentando traços de semelhança, apresentam-se de modo distinto do que estávamos acostumados a ver nas coberturas tradicionais da mídia.

Diante deste contexto, pudemos observar que a expansão das redes sociais não significa que estejamos atingindo uma sociedade com total transparência. Muito menos que os grandes conglomerados midiáticos estejam perdendo seu poderio. Mas é importante atentar para essas mudanças que estão originando um novo território de disputa, com a participação de novos personagens.

7. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Wedencley. **“Vocalizações e Gestualizações - Produção de Sentidos na Leitura e na Escrita em Rede”**. In PERNISA, Carlos, JR. e ALVES, Wedencley. **Comunicação Digital: jornalismo, narrativas, estética**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

_____. **Vestígios, Indícios e Sintomas. Metodologias de análise do discurso franco-brasileira**. Manuscrito inédito de pesquisa homônima em andamento. Juiz de Fora: 2012

ANDERSON, Cris. **A cauda longa: Do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BARABASI, Albert-Lazió. **Linked: How Everything is connected to Everything else and What it means for Business, Science and Everyday Life**. Cambridge: Plume, 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BELOCHIO, Vivian de Carvalho ; ZAGO, Gabriela da Silva . **O Pro-Am como estratégia jornalística no Twitter: apontamentos para discussão**. Santa Catarina: Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), p. 413-423, 2010

BLOOM, Howard. **Global Brain: The Evolution of Mass Mind from the Big Bang to the 21st Century**. New York: John Wiley and Sons, 2004.

BOYD, Danah. ELLISON, Nicole. **Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship**. Michigan State University, 2007.

BRUNS, Axel. **Blogs, wikipedia, second life, and beyond: from production to produsage**. New York: Lang Publishing, 2008.

CALLON, Michel. **Por uma abordagem da ciência, da inovação e do mercado. O papel das redes sociotécnicas**. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Jornalismo na fonte**. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Rogério, PRADO, Raffael. **Erros nos jornais: aspecto ético e fator de comprometimento de qualidade técnica**. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17357/1/R1440-1.pdf>
Acesso em 12 de Fev. 2012.

COELHO, Luciana. **Redes sociais pegaram ditadores desprevenidos, diz especialista.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 set. 2011. Caderno TEC, p. 3.

COURTINE J.-J. **Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage, Langages, numéro 114, "Mémoire, histoire, langage",** Paris, Larousse, 12, 1994

DALMONTE, E. **A esfera paratextual: o lugar do leitor-participante no webjornalismo.** Disponível em <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/individual32edsondalmonte.pdf>> Acesso em 1º de Out. 2011.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs (volume III) - Micropolítica e segmentaridade.** São Paulo: Editora 34, 2000

DIAS, Cristiane. **A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV.** Tese de doutoramento. Campinas, SP: IEL, 2004.

DIZARD, Wilson. **A Nova Mídia – a comunicação de massa na era da informação.** Tradução: Antonio Queiroga e Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 2000.

FAUSTO NETO, Antonio. **Midiatização, prática social-prática de sentido.** Anais do Seminário sobre midiatização, Rede Prosul, São Leopoldo: UNISINOS, 2005-2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986

_____. **A verdade e as formas jurídicas,** 3ª Ed. Rio de Janeiro, NAU, 2009.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HORTA NUNES, José. **“Leitura de arquivo: historicidade e compreensão”.** In: FERREIRA, M.; INDURSKY, F. (Orgs). **Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.** Porto Alegre: Pontes Editores, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Susana Alexandria (trad.). São Paulo: Aleph, 2008.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Emergência:** A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEMOS, André. **Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época.** In: CUNHA, Paulo; LEMOS, André (Org.). **Olhares sobre a Cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003. P. 11-23

_____. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.** Porto. Alegre: Sulina, 2004.

LEMOS, Renata. **Qotd, por @umairh: a inteligência coletiva no Twitter.** Revista Galáxia, São Paulo, n. 19, p. 226-239, jul. 2010

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Ed. 34, 1998.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação** (trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha). 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. (1984). **Gênese dos discursos** (trad. Sírio Possenti). Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. **Termos-chave da análise do discurso.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

MANOVICH, L. **The Language of New Media.** Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa.** Rio de Janeiro, Renavan, 1998

MELO, Cristina Teixeira. **A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet.** In MARCUSCHI, Luis Antônio & Antonio Carlos XAVIER (org) **Hipertexto e gêneros textuais.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MENDONÇA, Kleber. **"O RIO CONTRA O CRIME": relatos de uma 'guerra' televisionada.** Disponível em
< http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1701.doc > Acesso em 1º de Fev. 2012

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software.** O'Reilly Publishing, 2005

ORIHUELA, J. L. **Twitter y el boom del microblogging.** Educ.ar. Educación y TIC. Argentina, 22 nov. 07. Disponível em
<<http://portal.educ.ar/debates/educacionytic/super-sitios/twitter-y-el-boom-del-microblo.php>>. Acesso em: 13 de nov. 2011.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas, S.P.: Pontes, 1996

_____. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos.** Campinas. Ed. da Unicamp, 1993.

_____. (org.) **Discurso Fundador. A formação do país e a construção do país e a identidade nacional.** Campinas, Pontes, 1994

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo, Cortez, 1994

PÊCHEUX, Michel. **Ler o arquivo hoje**. IN: Gestos de leitura, Orlandi, Eni. (org) Campinas: Editora da Unicamp, 1982.

_____. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas : Unicamp, 1990.

POSTER, Mark. **The mode of information**. Chicago: University of Chicago Press, 1990

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009

_____. **Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-weblogs-webrings-comunidades-virtuais.pdf>> Acesso em 1º de Jul. 2010.

_____. **"Deu no Twitter, alguém confirma?" Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais**. Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/sbpjorrecuero.pdf>> Acesso em 10 de Mar. 2012

PALACIOS, Marcos. **Blogosfera e jornalismo on-line no Brasil ou porque Noblat, Josias e Cia não fazem Blogs**. LUPA, FACOM/UFBA. Salvador (2006). Disponível em: <http://docs.google.com/View?docid=adf4grpvm38_28gc7rm9>. Acesso em 12 de Jun. 2011.

PRIMO, Alex. **A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva**. Galáxia, v. 16 (no prelo), 2008.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Mais de perto, mil faces secretas sob a face neutra: considerações sobre a heterogeneidade no discurso jornalístico**. Revista Espiral, São Paulo, v. 25, p. 1-11, 2005.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes Sociais Digitais - a Cognição Conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. **A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos**. In: FONTOURA, Helena A. e SILVA, Marco (orgs.) Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias - Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. ANPEd Nacional (e-book): 2011. p. 75-98.

SARGENTINI, Vanice Maria. **A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o corpus na análise do discurso** In BARONAS, R. L. Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção – conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

SHIRKY, Clay. **Cognitive Surplus**. Londres: Allen Lane, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005

VACAS, Francisco. **La comunicación vertical: medios personales y medios de nicho**. Buenos Aires: La Crujía, 2010

VERÓN, Eliséo. **Esquema para el analisis de la mediatización**. Diálogos de la Comunicación, Lima, n. 48, out. 1997.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença. 1987